



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A Charge Virtual e a Construção de
Identidades

Helga Vanessa Assunção de Souza

Recife
2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A Charge Virtual e a Construção de
Identidades

Helga Vanessa Assunção de Souza

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Letras da Universidade Federal
de Pernambuco como requisito
parcial à obtenção do Grau de
Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Judith Chambliss Hoffnagel

Souza, Helga Vanessa Assunção de
A charge virtual e a construção de identidades
/ Helga Vanessa Assunção de Souza. – Recife : O
Autor, 2007.
124 folhas : il., fig., tab.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal
de Pernambuco. CAC. Lingüística, 2007.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Lingüística. 2. Charge virtual. 3.
Multimodalidade. 4. Identidade. 5. Análise crítica
do discurso. I.Título.

801
410

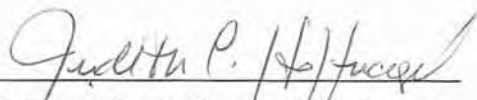
CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)

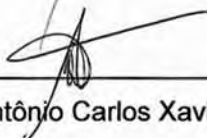
UFPE
CAC2007-
38

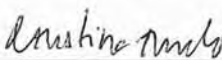
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

*A Charge Virtual e a Construção de
Identidades*

EXAMINADORES:


Judith Chambliss Hoffnagel (Orientadora)


Antônio Carlos Xavier


Cristina Teixeira Vieira de Melo

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Letras da Universidade Federal de
Pernambuco como requisito parcial
à obtenção do Grau de Mestre em
Linguística.

Recife
2007

AGRADECIMENTOS

- Ao meu amado pai, não só por toda ajuda financeira, mas, principalmente, por todos os anos de sua vida dedicados à minha formação. Meu companheiro, meu “ranzinza”, meu amigo, meu filho.
- À minha mãe, por acreditar em meu potencial, por estar sempre perto de mim, por me socorrer nas horas de necessidade, pelas confidências, pelos conselhos. Você é, sem dúvida, a pessoa que mais me conhece.
- Aos meus irmãos, por tantas lembranças... Amo muito vocês!
- A Mauricio, pelo apoio e incentivo que sempre me deu, por compreender meus aborrecimentos e minhas ausências, pelo grande homem que é, por fazer parte da minha história de vida da forma mais bela que pode haver. Eu te amo muito!
- A Dona Cândida Maria, por todos os conselhos, pela amizade, atenção, cuidado e carinho que dedica a mim.
- A Judith, por ter me recebido para orientação, por toda a compreensão e, principalmente, por me permitir ousar e deixar transparecer a minha **IDENTIDADE**. Obrigada pela confiança e credibilidade.
- A Angela, pelas preciosas dicas e pela sinceridade. Sem dúvida, você é a peça fundamental para o meu crescimento acadêmico e profissional. Obrigada por toda a orientação da graduação e de agora, obrigada pela confiança e paciência. Vai ser difícil se livrar de mim!
- Ao professor Antonio Carlos Xavier, por ter lido meu trabalho com tanto zelo e se mostrar sempre solícito.
- À professora Cristina Teixeira, por se dispor a compor a banca examinadora.
- A Márcia, por toda confiança e credibilidade. Por estar sempre disposta a ajudar. Obrigada pelo apoio que sempre me deu.
- A todos os outros professores que contribuíram para a minha formação acadêmica.
- A Diva, Eraldo e Josaiás, pela ajuda e paciência.

- Aos meus queridos alunos do CJC. Jamais esquecerei o que fizeram por mim. Vocês marcaram a minha vida. Vocês são um presente que Deus me enviou, para que eu seguisse a minha jornada tendo a certeza de que fiz a escolha certa e que vale a pena lutar pela educação. Meus “fofoxos”, amo vocês!
- À minha coordenadora e amiga Ana Patrícia. O mundo seria bem mais tranquilo se existissem mais pessoas como você! Obrigada por confiar, acreditar e torcer por mim.
- À equipe pedagógica do Colégio São Luís, pela ajuda e compreensão.
- Aos amigos Eduardo, Léo, Marília, Patrícia, Clarinha, Dilma, Pri e Tati. É muito bom ter vocês por perto!
- À minha companheira Paloma Maria (amiga quase instantânea), por toda a força, pelo compartilhamento de nossas dores. Haverá sempre lugar para nós duas, porque, de fato, torcemos uma pela outra.
- Ao meu amigo e irmão Jorge. Obrigada por estar presente em minha vida, você me traz paz de espírito, porque você é leve. Tenho certeza que foi Deus quem nos uniu. Te amo!
- Ao meu amigo “Fuxo”, por todas as caronas e pela paciência em me ouvir. Nossa amizade é eterna.
- A Salmito José, por estar sempre disposto a ajudar, seja através de conselhos, ações ou, simplesmente, pela presença. Obrigada, Salmito!
- A Morg, minha companheira de trabalho, de casa, de telefone, de alegrias e de tristezas. Obrigada por me fazer sentir melhor em meus momentos de aflição.
- À minha prima Kelly, por toda a ajuda e companheirismo. Te amo!
- A Ricardinho, por compartilhar “Nadinha” comigo. Obrigada, viu?!
- À minha “pequena” grande amiga Nadiana (Nadinha!), por sua IMENSA ajuda. Você foi meu porto seguro nas horas mais difíceis. Serei sempre grata por tudo o que fez por mim. Muito, muito, muito obrigada!

A Deus, por estar sempre ao meu lado e por guiar meus passos.

Aos meus pais, por me amarem incondicionalmente.

Aos meus amigos, pelos sábios conselhos.

A Mauricio, renovação de minhas forças, inspiração de minha vida.

RESUMO

Há hoje em curso uma substancial mudança tanto do ponto de vista cultural quanto tecnológico a partir da adoção, por parte da sociedade, de novos paradigmas éticos e morais os quais proporcionaram a instauração de uma relação de vida pautada na velocidade, eficácia e produtividade. Essas alterações também repercutiram na linguagem, sobretudo com o advento da Internet, e colaboraram para modificar as relações de leitura e escrita. A Charge Virtual, através da Análise Crítica do Discurso e da análise multimodal, é um gênero ideal para investigar a construção de identidades sociais. Esta pesquisa tem por finalidade analisar as Charges Virtuais, especificamente do autor Maurício Ricardo – exibidas no *síte* www.charges.com.br – e observar como os diversos modos de organização (animação, texto-verbal, áudio e imagem) interagem e formam a significação do gênero em análise. Além disso, este estudo procura investigar, tendo como base a Análise Crítica do Discurso e a análise multimodal, de que maneira as relações lingüístico-discursivas constituem uma base para a construção de identidades por meio de discursos estereotipados presentes nas falas das personagens da charge.

Palavras-chave: Charge Virtual, multimodalidade e Identidade.

ABSTRACT

There is today a substantial change going on from both the cultural and technological point of view as society adopts new ethical and moral paradigms which favor a lifestyle based on velocity, efficiency and productivity. These changes also have linguistic repercussions, especially with the advent of the Internet and have collaborated in modifying ways of reading and writing. The Virtual Cartoon, through its dynamic and creative character made possible by the various technical languages, lends itself to the study of identity construction, multimodality and Critical Discourse Analysis. This investigation has as its objective the analysis of the Virtual Cartoons, specifically those of Maurício Ricardo – exhibited on the site www.charges.com.br – and observes how the diverse modes of organization (animation, verbal text, sound and image) interact and form the meaning of the genre analyzed. Moreover, this study seeks to investigate through critical discourse and multimodal analyses the way in which the linguistic-discursive relations constitute a basis for the construction of identities by means of stereotyped discourses present in the speech of the cartoons characters.

Key-Words: Virtual Cartoon, multimodality , identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I: A Charge Virtual e a Multimodalidade	05
1.1 A Charge Virtual.....	06
1.2 A Charge Virtual e a Multimodalidade.....	24
1.3 Intertextualidade e Multimodalidade.....	37
CAPÍTULO II: Análise Crítica do Discurso	51
2.1 ADC: enfoque social.....	51
2.1.1 Concepção Tridimensional do Discurso.....	52
2.2 ADC: enfoque lingüístico.....	69
CAPÍTULO III: Os Estereótipos Sociais: instrumento para a Construção de Identidades	79
3.1 Os Estereótipos Sociais.....	80
3.2 Os estereótipos Sociais e a Construção Identitária.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
BIBLIOGRAFIA	124

INTRODUÇÃO

Percebe-se, hoje, uma grande mudança tanto cultural como tecnológica. Novos conceitos éticos e morais foram introduzidos na sociedade, o avanço tecnológico propiciou uma nova forma de vida: agilidade, eficiência e produtividade. Assim, com todas estas modificações, não poderia ser diferente com a linguagem: há, também, uma nova forma de ler e escrever, e, sem dúvida, o advento da Internet, através das ferramentas que a constitui, ofereceu suporte para tais mudanças. Marcuschi (2004) afirma que parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como, texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos lingüísticos utilizados. Galli (2004:123) afirma que “todo computador, conectado à Internet, possui a capacidade de transmitir palavras, imagens e sons”. Xavier (2004) atenta para o fato de que a pluritextualidade permite, numa mesma superfície de leitura, a absorção de diferentes aportes sígnicos. O autor afirma, também, que

a fusão dos diversos recursos das várias linguagens numa só tela de computador acessíveis e utilizáveis simultaneamente em um mesmo ato de leitura provoca um construtivo, embora volumoso, impacto perceptual-cognitivo no processamento da leitura. (Xavier 2004:175)

Assim, tendo em vista o caráter criativo das diversas linguagens propiciadas pela Internet, nosso trabalho tem por objetivo de estudo as charges virtuais do autor Mauricio Ricardo, com o intuito observar como os diversos modos (imagem, animação, texto verbal etc) interagem e constituem a significação do gênero em questão, bem como verificar, tendo como foco, para tanto, a Análise Crítica do Discurso, como as relações discursivas – texto verbal e texto não-verbal – servem de base para construir identidades através dos discursos discriminatórios que permeiam as personagens evocadas nas charges.

Castells (2003:164) mostra que “o desenho gráfico computadorizado vem renovando as formas de expressão artística à medida que a arte visual transforma em cores, sons e silêncios as manifestações mais profundas da experiência

humana”. Desse modo, o presente trabalho foi elaborado com a finalidade de esclarecer os seguintes objetivos específicos:

- Observar como são apresentadas as características definidoras de identidade (figurino, expressão facial, gestos) e como tais características colaboram para a propagação de discursos estereotipados nas charges virtuais.
- Certificar quais são os elementos lingüístico-discursivos designadores de identidade e de que forma são apresentados nas charges.

Tomamos como base alguns pressupostos teóricos da lingüística que nortearam nossa pesquisa. Assim, adotamos os seguintes conceitos:

- 1- Os gêneros textuais são fenômenos sociais, dinâmicos, plásticos e se moldam através das necessidades sociais. (Bazerman 2005, 2006 e Marcuschi 2002, 2005).
- 2- Não só o texto verbal é importante para a construção discursiva, mas os diversos componentes multimodais (imagem, som, cores) são fontes de linguagem constitutivas para a compreensão textual. (Dionisio 2005, 2006; Kaindl 2004 e Stöckl (2004)).
- 3- Os sujeitos são construídos e são construtores das práticas discursivas. As escolhas lingüísticas dos sujeitos compõem as suas identidades e ideologias. (Fairclough 2001; Wodak 2003; Pedro 1998, 2000 e Rezende e Ramalho 2006).
- 4- A identidade do sujeito é construída através de exercícios de papéis sociais. Os estereótipos sociais também definem sua identidade, tendo em vista que são rótulos estabelecidos e cristalizados nas esferas que compõem a sociedade. (Banberg 2002; Bauman 2005; Castells 2002; Coelho 2002; Dubar 2005; Dutra 2003; Fujisawa 2006; Giddens 2002; Goldenberg 2006; Hall 2005; Hoffnagel 1999; Moita Lopes 2003; Nolasco 2001; Orlandi 2004; Pereira 2002; Pereira 2005; Portinari e Coutinho 2006 e Vilela 2002).

Para fins de análise, escolhemos 21 charges virtuais. A escolha das charges se deu com base em exemplos que dispusessem as várias facetas que compõem esse gênero textual. Vale ressaltar que, como, a cada dia, é lançada uma nova charge com uma nova crítica, foi preciso uma atualização constante no que diz respeito aos assuntos midiáticos. Como as charges virtuais aqui analisadas não estão em seu meio físico¹ (Internet), tivemos a preocupação de anexar um CD contendo-as, para que o leitor possa verificar o quanto os diversos modos² que compõem o gênero são importantes para a sua constituição. Além disso, para facilitar a leitura das charges virtuais, os quadros capturados foram postos em tabelas, assim, para fazer a leitura das mesmas, é preciso levar em consideração a maneira de leitura de maior incidência – no que diz respeito à escrita alfabética - no Ocidente, ou seja, da esquerda para a direita e de cima para baixo. Outra preocupação no que diz respeito à leitura das charges foi a captura e colagem das imagens das personagens no papel. Como em algumas charges há, em um mesmo quadro, mais de uma personagem, para não haver confusão, a personagem que está com a vez do turno foi capturada e colada com a boca aberta, assim, o leitor terá condições de saber quem está falando no momento da cena.

Esta dissertação está dividida em três capítulos, situados com base nas seguintes explicações:

■ **Capítulo I:** Nesse capítulo, tratamos da constituição do *corpus*. Para tanto, a teoria social dos gêneros, bem como os recursos multimodais que são inerentes às charges virtuais são postos em destaque.

■ **Capítulo II:** Com base na teoria da análise do discurso crítica, esboçamos como nossos discursos estão imbricados por relações hegemônicas, ideológicas e investidos de poder. O discurso é visto numa perspectiva social, pois é através de nossas práticas sociais que construímos, moldamos e propagamos nossos discursos e, conseqüentemente, nos firmamos como indivíduos nas esferas sociais.

¹ Estamos tomando meio físico como sinônimo de suporte.

² O termo “modo” está empregado com base na teoria da multimodalidade, que concebe os gêneros textuais orais e escritos como multimodais, tendo em vista que quando falamos ou escrevemos um texto, usamos, pelo menos dois “modos” de representação: palavras e gestos, palavras e imagens, palavras e entonações etc. (Dionísio 2005:161)

■ **Capítulo III:** Nesse capítulo, discutimos as noções de identidade e estereótipos sociais, bem como analisamos algumas charges virtuais que se utilizam desses conceitos para identificar suas personagens e promover o humor e a crítica.

Assim, esperamos que essa pesquisa venha a contribuir para a análise de como as diversas modalidades que compõem a charge virtual são importantes para a construção e constituição da crítica, bem como possa ajudar, de alguma forma, aos professores que buscam (e têm acesso), em seu dia-a-dia, inserir em suas práticas recursos tecnológicos e, também, uma conscientização crítica por parte de seus educandos.

CAPÍTULO 1

A CHARGE VIRTUAL E A MULTIMODALIDADE

(...)
Todo dia eu só penso em poder parar
Meio dia eu só penso em dizer não
Depois penso na vida pra levar
E me calo com a boca de feijão
(...)
(Cotidiano – Chico Buarque)

O fragmento da música de Chico Buarque descrito acima remete-nos às repetições que realizamos em nosso dia-a-dia, repetições essas que, em sua maioria, são necessárias para a construção de um convívio em sociedade. Atividades como ir ao trabalho, ir à escola, ir ao médico, fazer pagamentos, compras, dentre outras ações corriqueiras, nos colocam diante de uma gama de gêneros textuais, cada qual com suas especificidades necessárias para que se tenha uma estrutura social organizada. Ao preenchermos um boleto bancário, assinar a guia de um cartão de crédito, produzir um artigo científico ou lermos uma notícia que nos chama a atenção, estamos realizando ações sociais. Bazerman (2005:22) salienta que os textos, quando bem sucedidos, proporcionam aos leitores um fato social, esses, no entanto, são ações sociais significativas realizadas por meio da linguagem ou dos atos de fala. O autor complementa afirmando que:

esses atos de fala³ são realizados através de formas textuais padronizadas, típicas e, portanto inteligíveis, ou gêneros, que estão relacionadas a outros textos e gêneros que ocorrem em circunstâncias relacionadas. Juntos, os vários tipos de textos se acomodam em conjuntos de gêneros dentro de sistemas de gêneros, os quais fazem parte dos sistemas de atividades humanas.

A diversidade textual é necessária para a interação humana, pois é por meio dela que nos comunicamos e optamos usar um texto qualquer em diferentes situações. Os meios tecnológicos propiciam uma nova forma de vida,

³ Os atos de fala mencionados por Bazerman dizem respeito à Teoria dos Atos de Fala proposta por John Austin, que consiste em uma análise de três níveis: a ato locucionário (o que é dito literalmente); o ato ilocucionário (o ato pretendido); e o ato perlocucionário (o modo como as pessoas assimilam esses atos, ou seja, o seu efeito real).

conseqüentemente, o acesso a gêneros que cada vez mais solicita de seus usuários uma capacidade de leitura diferenciada: animação, recursos de áudio, infográficos, slides etc. Desse modo, o presente trabalho, além de mostrar o gênero charge virtual numa perspectiva interacional, dinâmica e social, tem por finalidade investigar como a multimodalidade interfere na construção de sentido do gênero charge virtual, tendo em vista que seu produtor se utiliza de várias semioses para a sua construção.

1. 1 A CHARGE VIRTUAL

O fato de vivermos em sociedade faz com que sejamos atuantes no sistema social ao qual estamos sujeitos. Um exemplo disso são as críticas feitas pelo chargista Maurício Ricardo, através das charges virtuais. Vale salientar, que concebemos a charge virtual como um gênero textual, tendo em vista que esta, além de suas características tipificadas, como: vários quadros seqüenciados, presença ou não de caricaturas⁴, a escolha, por parte do leitor, dos recursos de áudio ou legendas, animação etc; possui, também, a mesma função social da charge impressa: humor, crítica ou, simplesmente, entretenimento, o que nos faz constatar que se trata do mesmo gênero, já que o diferencial entre os dois se dá pelas possibilidades do meio físico do qual cada um se originou. Bazerman (2005:31) revela que se compreendermos gêneros como fenômenos de reconhecimento psicossocial, eles serão “parte de processos de atividades socialmente organizadas”. Assim, o autor complementa dizendo que “gêneros emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender uma às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos”.

Marcuschi (2002) afirma que os gêneros são textos histórica e socialmente situados. Produzimos textos ao longo de nossas vidas de acordo com as ferramentas disponíveis em cada período histórico, bem como de acordo com as nossas necessidades. Além de os gêneros convencionados pelo poder de instituições que prestam serviços indispensáveis para o convívio social (contas de luz, água; imposto de renda, boletos bancários, entre outros), gêneros relacionados

⁴ Mais adiante, mostraremos um exemplo de charge virtual que faz uso de imagens reais das personagens.

à cultura e ao lazer também foram criados como forma de satisfazer determinadas necessidades fundamentais ao homem: entretenimento, prazer, crítica, ideologias etc. “Gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo”. (Marcuschi, 2002:22) Dessa maneira, emerge o gênero charge, um gênero midiático que tem por função social provocar o efeito do humor associado à crítica.

Entre o final do século XVIII, início do século XIX, o desenhista francês Honoré Doumier fez uma crítica ao governo de sua época no jornal “La Caricature”. Ele, para fazer sua crítica, expôs sua opinião através de um desenho, ou seja, de uma charge. O gênero ganhou “força” e outros jornais passaram a publicá-lo. A charge jornalística impressa perpassou as fronteiras da França e conquistou os jornais do mundo inteiro. Ainda hoje ela é uma ferramenta utilizada como meio de divulgar acontecimentos sócio-políticos de maneira crítica e bem-humorada. No entanto, com o advento da tecnologia, mais especificamente, com o surgimento da Internet, esse gênero ganhou outras proporções. Além de a charge impressa, há, também, a charge virtual (doravante CV).

O *site* que disponibiliza as charges produzidas pelo autor Maurício Ricardo, que exibe suas charges, diariamente, no *site* www.charges.com.br, passou a ser divulgado por volta dos anos 2001/2002. Nele, as charges são arquivadas por um tempo e, por terem um caráter efêmero, com o passar dos acontecimentos, vão sendo substituídas por outras de temática atualizada. Mesmo assim, muitas vezes, o autor traz à tona uma charge mais antiga, intitulada “Clássicos da Charge” que, apesar de sua produção mostrar um fato que ocorreu em um determinado tempo passado, sua temática ainda pode ser considerada atual, pois o fato mostrado ainda está em vigor. As CVs podem ser divididas em quatro categorias, com base nos critérios mostrados a seguir:

1. Musicais (denominadas pelo autor de charges-okês) - charges que fazem uso de paródias de músicas que estão em vigor;
2. Entrevista (denominadas pelo autor de Toby Entrevista) - charges que supõem uma entrevista com políticos, animais e celebridades;
3. Político-sociais - charges que se utilizam do meio político e do social com o intuito de criticar;

4. Celebidades - charges que satirizam as personalidades.

Presenciamos nas CVs abordagens de manifestação crítica. Elas, assim como a charge impressa, têm por função social⁵ satirizar, ironizar, criticar através do humor. Além disso, observamos que as CVs também fazem uso de caricaturas; porém elas vão se diferenciar das charges impressas por fazerem uso de recursos audiovisuais proporcionados pela tecnologia. Som, imagem, movimento, seqüência de quadros, entre outros, são algumas das características que compõem esse gênero.

Bazerman (2005:30-31) mostra que temos a tendência de identificar e definir os gêneros através de algumas características definidoras de sua forma e, apesar desse conhecimento ser bastante útil para atribuirmos sentido aos gêneros com os quais nos relacionamos, nos dá, também, uma visão reducionista e incompleta de gêneros; pois apesar de boa parte dos gêneros manterem um padrão (fator importante para o conhecimento, a familiaridade e a utilização dos mesmos), eles possuem uma estrutura maleável. Tais aspectos são também pontuados por Marcuschi (2005:18), ao mencionar que os gêneros não são modelos estanques, nem estruturas rígidas e sim entidades dinâmicas, “formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem”. Assim, os gêneros mantêm uma determinada estrutura padronizada que pode ser alterada de acordo com as necessidades sociais e culturais, como ilustram os exemplos abaixo:

⁵ A charge virtual, além de criticar, satirizar e ironizar, aproveita datas e acontecimentos marcantes para render homenagens a alguém ou a alguma data comemorativa, sem, no entanto, fazer uso da crítica, como, por exemplo, a morte do Papa João Paulo II etc.

EXEMPLO 1 – Debate⁶



(Folha on-line/2006)

EXEMPLO 2 – Debate Bate

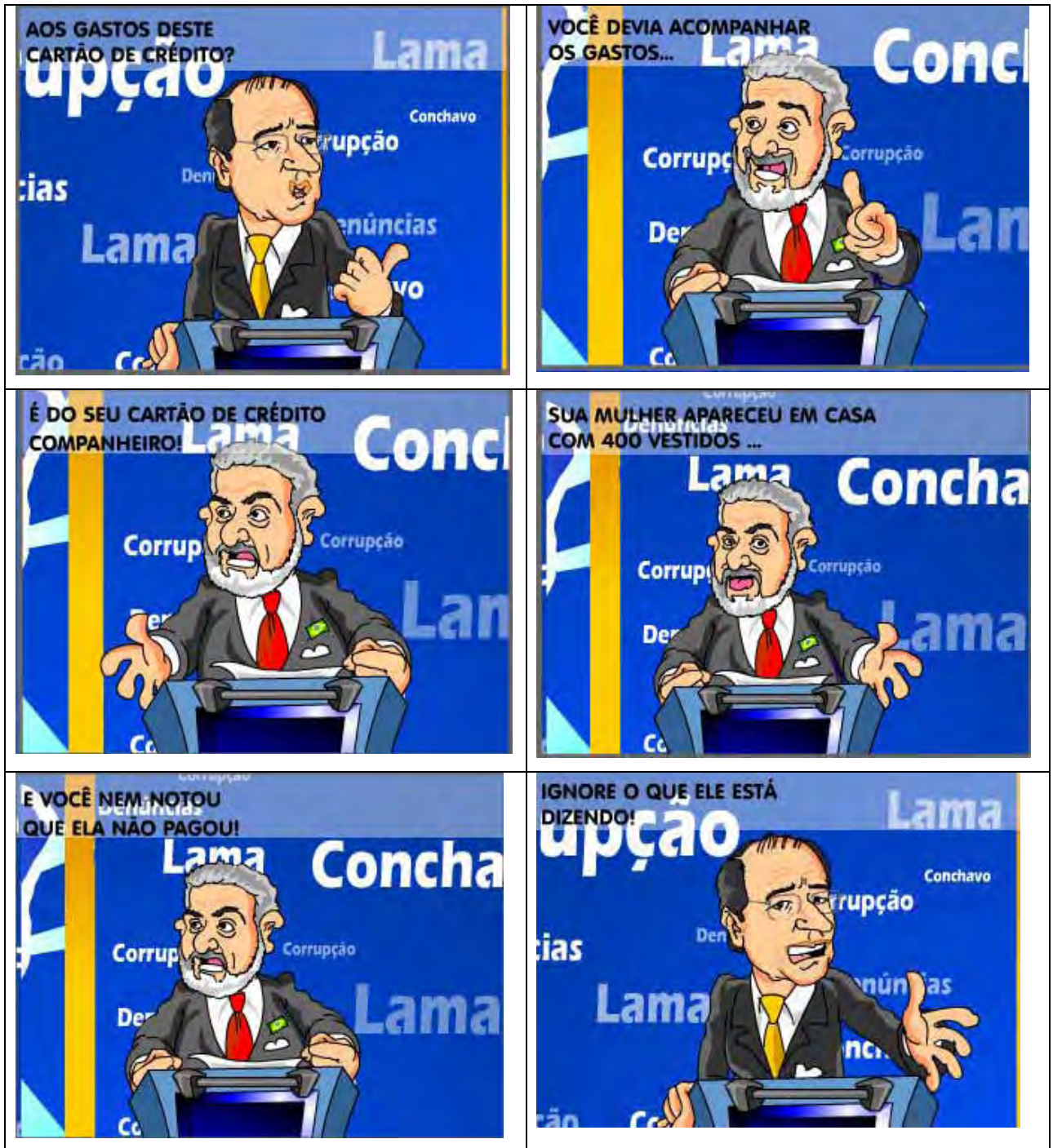


⁶ Vale lembrar, que estamos nomeando o exemplo 1 de charge impressa, devido a este gênero, até pouco tempo, ser divulgado apenas através da impressão no vegetal. No entanto, hoje, também, podemos encontrá-lo na Internet.















(charges.com.br/2006)

Tanto a charge impressa quanto a virtual abordam o mesmo tema político, nesse caso, o debate dos candidatos à presidência (Luís Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin) que passaram para o segundo turno em 2006. A charge impressa mostra as “armas” que cada candidato possui para se enfrentarem. Estas remetem a objetos primitivos utilizados em prol da violência, fato que nos leva a uma retomada do passado da política de uma maneira geral, pois as brigas entre candidatos e partidos têm bases “antigas”. A crítica consiste no fato de os candidatos levarem à tona nos debates ataques que abalam a moral de cada um, quando, na verdade, deviam estar esclarecendo as dúvidas dos eleitores em relação as suas propostas de governo. A segunda charge faz a mesma crítica; porém, a presença da linguagem verbal atrelada às imagens, angulações que enfocam cada personagem, um maior detalhe no cenário (painel formado por palavras que revela um panorama da política nacional: lama, corrupção, denúncia, conchavo etc), som, expressões faciais e gestos dos candidatos, bem como uma maior quantidade de quadros, propicia ao interlocutor uma maior possibilidade de verificar o assunto e, portanto, a crítica.

Percebemos que, apesar da temática das charges (impressa e virtual) ser a mesma (política), bem como sua função social (crítica, ironia, humor etc), o suporte no qual a CV se insere permite a utilização de alguns recursos (som, movimento etc) que mostram o quanto não podemos classificar os gêneros como algo rígido, estanque. Marcuschi (2005:18) deixa claro que, do mesmo jeito que a língua sofre variação, os gêneros também irão variar, pois precisam se adaptar aos processos

culturais presentes na sociedade. O autor complementa afirmando que “hoje, a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estrutural”.

Uma prova da dinamicidade e plasticidade dos gêneros é percebida através das CVs. Desde a criação do *site* que contém as CVs produzidas por Mauricio Ricardo, este tenta aprimorá-las através da busca de uma maior interatividade com o leitor. Assim, além de o leitor ter a opção de escolher se quer fazer “*download*”, escolher a versão com som ou legendas, atribuir nota, comentar, enviar para alguém, bem como enviar sugestões de temas a serem exibidos nas charges, o autor, muitas vezes, solicita a participação direta do leitor em algumas charges através de comandos que este necessita utilizar, como mostra o fragmento da charge a seguir:

EXEMPLO 3 – Fragmento de *Calçada da Fama*





(charges.com.br/2005)

O leitor, para visualizar a charge, precisa dar os comandos através dos botões que aparecem em cada quadro, para que a charge mostre a seqüência de seus quadros. A charge tem como cenário uma calçada, fazendo alusão à calçada da fama que há em Hollywood, que contém a assinatura dos “astros” americanos. A “calçada da fama” brasileira, mostra a visão do chargista em relação a composições de alguns “astros brasileiros”. Ele faz uso de algumas peculiaridades que caracterizam as personagens; por exemplo, a assinatura do presidente registrada com o “L” invertido reflete mais uma crítica, agora, no que diz respeito à escolaridade do presidente Lula, já que este não possui curso superior; desse modo, muitas vezes, é atribuído a ele o título de “semi-analfabeto”, servindo de base para a exploração da crítica. Além disso, a charge mostra uma das mãos do presidente Lula com apenas quatro dedos, perda essa que ele sofreu em seu antigo trabalho como

torneiro mecânico, característica bastante utilizada pelos chargistas e humoristas, de uma maneira geral, para caracterizar o presidente. Em contrapartida, ao aludir a apresentadora de TV Daniele Cicarelli⁷, o autor da charge enfatiza o fato desta ter um dedo a mais em um dos pés. Para complementar seu perfil, o chargista evidencia o tamanho deles, já que ela, além de apresentadora, também é modelo, e por ser bastante alta, tem os pés grandes. Desse modo, o autor vai compondo o perfil de outros famosos, através de traços que dizem respeito a suas características físicas ou relativas à personalidade de cada um.

Bazerman (2006:10) mostra que o caráter dinâmico, interativo e agentivo dos gêneros (no que diz respeito à utilização dos gêneros escritos) “significa que no centro de nossa teoria devem estar pessoas que querem realizar coisas através da escrita em um mundo em mudança”. Nós agimos através dos gêneros. O produtor da charge age socialmente através de seu juízo de valor. “(...) nossos textos são atos de nossa vontade, motivados pelos nossos desejos e intenções”. (Bazerman, 2006:13). Dessa forma, assim como os produtores dos gêneros são agentes, seus consumidores também o são, pois, como mostra o exemplo 3, o leitor age diretamente no gênero, não só através da leitura deste, mas também através das ações por ele realizadas e dos comandos que dão seqüência à charge.

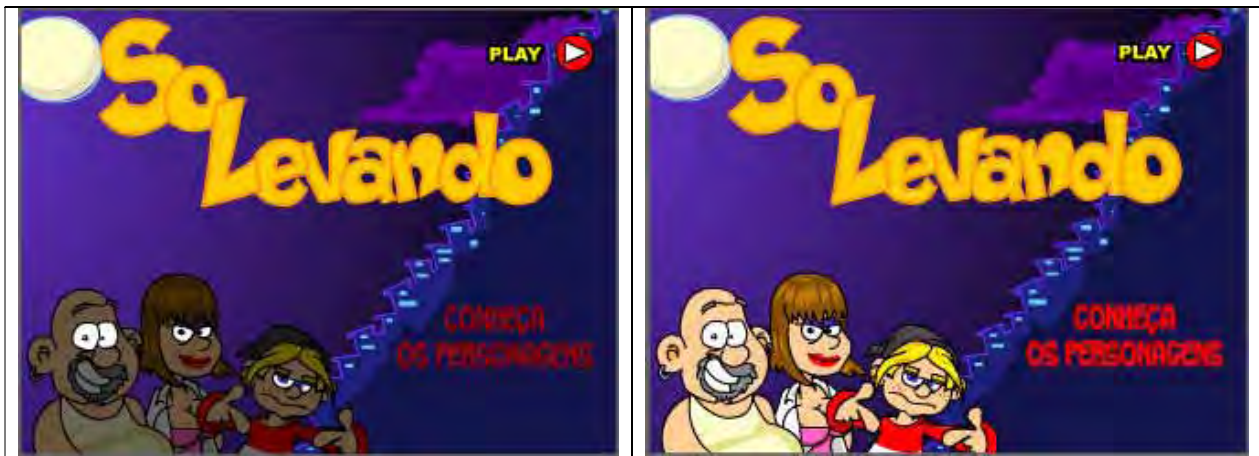
Vale ressaltar, também, que o chargista propicia aos leitores charges que contém vários episódios. Esses episódios são inacabados, para que, no dia seguinte, haja a continuação de um novo capítulo, lembrando um desenho animado seqüenciado, uma novela, uma minissérie etc. O leitor passa a ser uma espécie de “telespectador”, pois ele precisa acompanhar os capítulos da charge para saber o que vai acontecer com as personagens envolvidas no dia seguinte. Kress (2003:89-90 apud Marcuschi 2005:25, grifos do autor)

postula que a mobilidade dos gêneros permite dizer que caminhamos para uma “hibridização” ou “mesclagem” de gêneros de tal ordem que podemos chegar a uma situação em que não mais haja “categorias de gêneros puros e sim apenas fluxo”.

⁷ Na calçada da fama brasileira, o nome da modelo e da apresentadora Daniele Cicarelli aparece na forma reduzida “Dani”, que é o apelido dado, na maioria das vezes, para as pessoas chamadas Daniele, Daniela, Daniel.

A série intitulada “Só Levando” é composta por dez episódios seqüenciados. A temática abordada nos capítulos é de caráter social, mostra como núcleo principal das personagens, uma família de quatro integrantes (pai, mãe, filho e filha). No entanto, essa família tem sua base estrutural totalmente abalada: o pai – desempregado, mentiroso, enganador; a esposa – infiel, “trambiqueira”, interesseira; a filha – mente para família dizendo ser estudante universitária, quando, na verdade, não é estudante, e sim uma garota de programa; o filho – é adotivo, pois tem como pais biológicos um casal alemão, o que faz dele loiro com olhos azuis; ele se veste como *rapper*, porque não aceita sua origem. A título de ilustração, abaixo estão alguns quadros (correspondentes ao primeiro quadro – início da charge) que contêm os episódios seqüenciados.

EXEMPLO 4 – Fragmento de *Só Levando* (parte 1)



(charges.com.br/2006)

EXEMPLO 5 – Fragmento de *Só Levando* (parte 2)



(charges.com.br/2006)

Os exemplos 4 e 5 ilustram o primeiro quadro dos capítulos 1 e 2 da série “Só Levando”. Como o exemplo 4 mostra o primeiro episódio da série, o item “capítulos anteriores” exibido a partir do capítulo 2 em diante, não aparece. Interessante é o efeito de luminosidade e cores que a charge utiliza nesse primeiro quadro. Nos exemplos 4 e 5, o leitor, ao situar o mouse em cima do item “conheça os personagens”, além de o vermelho das letras tornar-se mais vivo, as personagens são evidenciadas, como mostra o exemplo 4. Caso o leitor clique nesse item, é aberta uma nova janela na página do *site* das charges, que irá mostrar o perfil das personagens que fazem parte da série. Da mesma forma, ocorre com o exemplo 5. Ao situar o mouse no item “capítulos anteriores”, a cor amarela das letras é evidenciada e as luzes da fileira de casas que compõem o cenário são acesas. Se o leitor clicar nesse item, ele tem acesso às charges anteriores.

Um outro ponto que merece atenção é a **não-utilização (apenas) de desenhos caricaturados**. Em algumas CVs, o autor expõe as imagens das personagens reais. No entanto, as falas dessas personagens são fictícias e as situações por elas vivenciadas nos quadros são moldadas com a finalidade de promover o humor, a crítica. No fragmento da CV que segue, o autor constrói um diálogo imaginário entre duas personalidades norte-americanas, que fazem de tudo para “aparecerem” na mídia, já que estas, só conseguem obter a renda necessária e “desnecessária” para seus sustentos, através de suas aparições “escandalosas”, nos meios de comunicação.

EXEMPLO 6 – Fragmento de *Megafusão*





(www.charges.com.br/2006)

Mais uma vez, a partir desse exemplo, observamos o quanto os gêneros são fatos sociais, dinâmicos e flexíveis. Bazerman (2005:31) atenta para o fato de que, ao definirmos gêneros como apenas conjuntos de traços textuais, ignoramos o papel dos indivíduos no uso e na construção de sentidos. Ignoramos as diferenças de percepção e compreensão, o uso criativo da comunicação para satisfazer novas necessidades percebidas em novas circunstâncias e a mudança no modo de compreendermos o gênero com o decorrer do tempo”. Os gêneros evoluem e se moldam de acordo com os padrões sociais estabelecidos. Cada vez mais presenciamos uma “mescla” de características que compõem vários gêneros; daí, estabelecer critérios estruturais para definir gêneros é restringir não só a criatividade de quem os produz, como o seu papel ativo na sociedade, ou seja, sua dinamicidade.

1.2 A CHARGE VIRTUAL E A MULTIMODALIDADE

Dionisio (2005) chama atenção para os avanços tecnológicos, pois estes estão colaborando para a diversidade de arranjos no processamento textual, visto que os gêneros estão com uma maior liberdade de manipulação – por parte de seus usuários - devido ao meio físico que os transmitem. A charge virtual é um exemplo dessa diversidade de arranjos propiciada pelo seu meio físico. Nela, seu produtor integrou imagem, movimento, som e texto verbal. Além disso, a charge ganhou um número maior de quadros, condição essa que permite aos leitores um “tempo maior” para digerir a crítica, pois, se compararmos a CV com a charge impressa, verificamos que a crítica presente na segunda é exibida de forma condensada em um ou dois quadros, fato que exige do leitor uma compreensão aguçada da crítica por ela ofertada. Vejamos o exemplo a seguir:

EXEMPLO 7 – Charge Impressa



(Jornal do Comércio/2006)

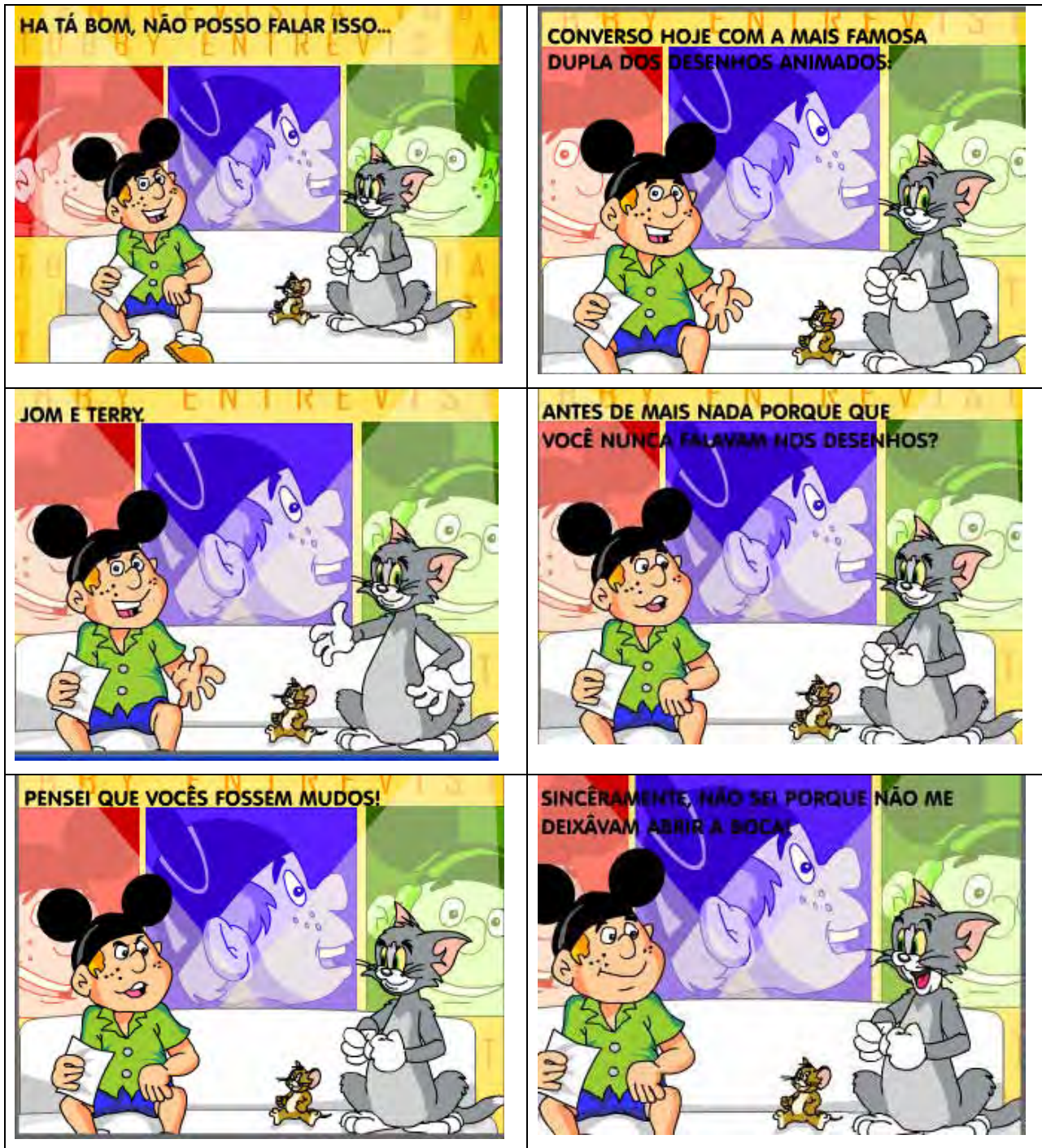
Para compreender a crítica exibida na charge em questão, o leitor precisa estar situado no fato social que a envolve. Temos como personagens o presidente do Brasil Luis Inácio da Silva (Lula), pertencente ao PT (Partido dos Trabalhadores), que estava, no período, como candidato à reeleição e o candidato à presidência

Geraldo Alckmin do PSDB (Partido Social Democrata Brasileiro). A charge mostra os candidatos tentando conseguir o apoio do PMDB (Partido Movimento Democrata Brasileiro), que se encontrava dividido: uma parte apoiava Lula e outra parte apoiava Alckmin. O local que mostra a placa do PMDB assemelha-se a uma casa de “programas baratos” ou a um cortiço. Suas paredes estão com parte do reboco à mostra e há um varal com peças íntimas penduradas. Isso tudo devido o partido estar em uma situação ruim e, portanto, provavelmente, em busca de quem tiver a melhor “oferta”. No entanto, toda a crítica está situada em apenas um quadro. Nesse caso, em especial, pouco se verifica a utilização da linguagem verbal, assim, o leitor deverá atinar para a leitura da imagem, os prováveis gestos das personagens, bem como o cenário mostrado.

A CV, por utilizar um número maior de quadros seqüenciados, o que permite, na maioria dos casos, a consonância entre as linguagens verbal e não-verbal, possibilita ao leitor uma compreensão maior da crítica por ela exibida. Stöckl (2004) chama atenção para o fato de observarmos como as modalidades interagem e são organizadas no texto e no discurso, levando em consideração que, geralmente, as modalidades são vistas individualmente. Os diversos modos de representação que compõem a CV são fundamentais para a sua construção e para o seu sentido. A perda de um de seus modos (áudio, movimento etc) afeta diretamente na compreensão de sua crítica, em seu efeito de humor; como, por exemplo, a retirada da CV de seu meio físico para o papel, como mostra o exemplo que segue abaixo:

EXEMPLO 7 – *Tobby entrevista Jom e Terry*



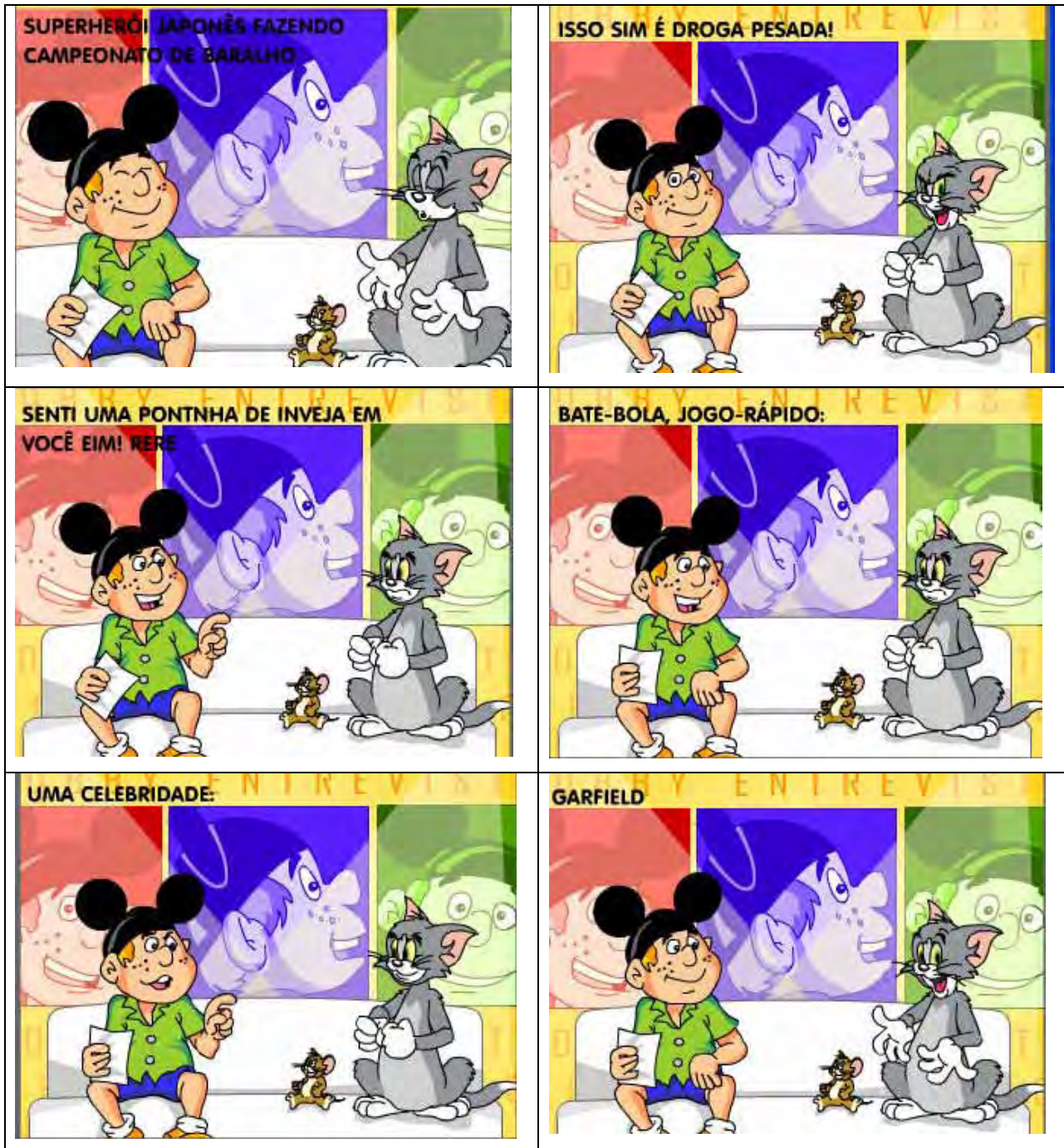


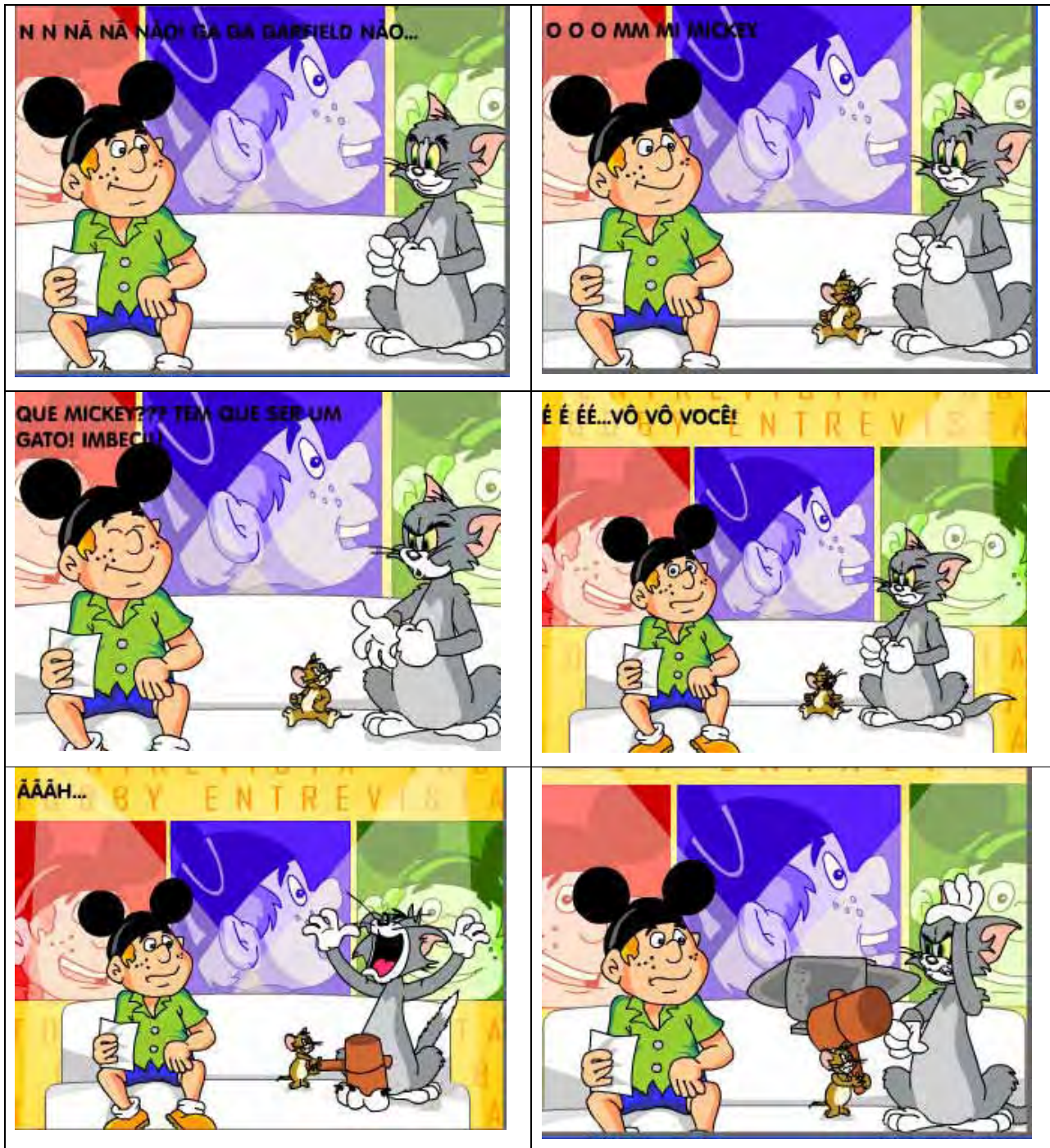


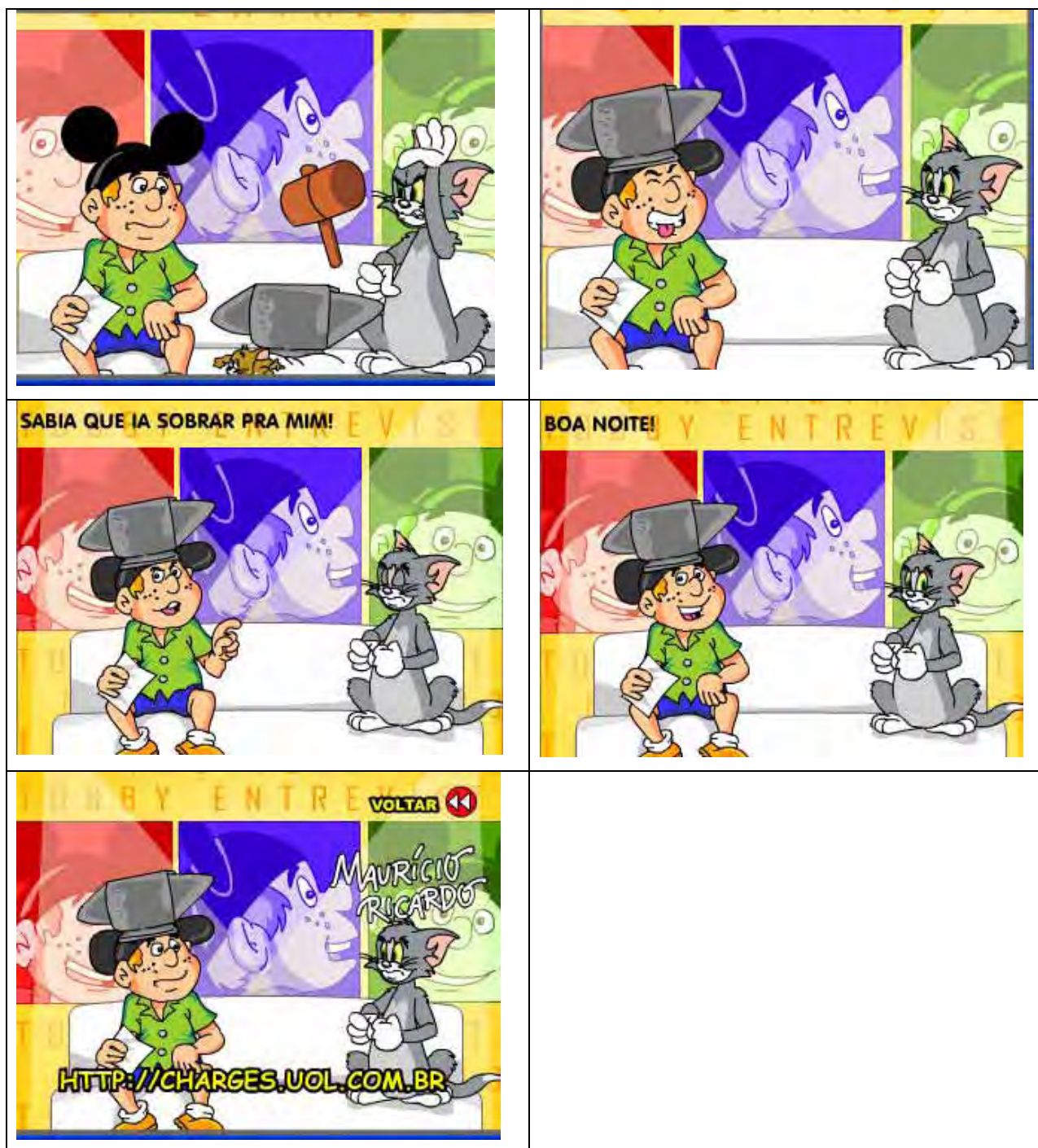












(charges.com.br/2006)

Este exemplo fala sobre a censura de alguns desenhos da dupla Tom e Jerry, que tem as iniciais de seus nomes trocadas (Jom e Terry), característica do quadro

de entrevistas, tendo em vista que as personagens aparecerem fumando. Interessante é perceber que, mesmo o interlocutor não estando situado no contexto social que envolve a charge, os vários quadros seqüenciados, bem como as pistas informadas pela linguagem verbal, situa o leitor no assunto abordado; mesmo que este não vislumbre a totalidade da crítica, até mesmo porque o chargista critica assuntos paralelos: política, desenhos japoneses, censura etc. Mas, ainda assim, através do número de quadros, a movimentação e expressão das personagens em conjunto com que está verbalizado servem como ferramentas facilitadoras para a construção de sentido do assunto explanado. Além disso, os mecanismos multimodais propiciam ao leitor a observância do humor, fator esse difícil de ser perceptível aqui, tendo em vista que a charge não se encontra no seu meio físico, perdendo, portanto, características fundamentais para a promoção do gracejo. Desse modo, o leitor deixa de presenciar, por exemplo, o sotaque das personagens, fator que o chargista revela para enfatizar o humor no gênero, já que o gato é fanho e o rato é gago.

Vale lembrar que, além dos recursos de áudio, as movimentações dão vida às personagens. Elas esboçam, através de suas expressões faciais, indignação, ironia, raiva, paixão, sarcasmo; enfim, suas expressões e seus gestos são fatores imprescindíveis para a construção humorística e crítica das charges. O recurso de áudio tem tanta importância na caracterização das personagens que o próprio chargista afirma isso no primeiro quadro que apresenta a charge, como mostra abaixo:

EXEMPLO 8 – Toda forma de poder



(charges.com.br/2006)

Kress (2003:86, *apud* Marcuschi 2005:28, grifos do autor) ressalta que

não podemos ignorar que hoje vivemos uma ‘era de novos meios’ de comunicação e que a teoria de gêneros não pode esquecer isto. Não temos apenas uma escrita alfabética no ocidente, ‘mas uma escrita alfabética no contexto de outros modos co-ocorrentes’ que se afiguram relevantes para o processo comunicativo. Assim, além dos modos lingüísticos, isto é, a fala e a escrita, temos de dar conta dos demais modos a eles integrados, tais como som, imagem, gestos, imagens em movimento etc.

Desse modo, quando acessamos o gênero CV, precisamos estar atentos às mudanças sociais, culturais e tecnológicas que estão a nossa volta, que exigem de nós, como leitores, em nossa prática de leitura e de escrita à aplicabilidade de vários mecanismos ao mesmo tempo. Leitura porque necessitamos ativar os comandos gestuais, sonoros, lingüísticos, entre outros, para a compreensão do gênero; escrita porque o *site* disponibiliza meios de interação (*links*), tais como: “fale com o autor”, “envie para um amigo”, sugestões, comentários etc. Tais recursos, em conjunto, atribuem sentido para seus usuários. Stöckl (2004) explana que a multimodalidade está relacionada a artefatos comunicativos e processos que combinam vários sistemas de signos (modalidades) e cuja produção e recepção pedem aos

comunicadores a inter-relação semântica de todos os repertórios de signos presentes. Wysocki (2004:123-126 *apud* Dionisio 2005:166) diz que “todos os textos com base numa tela do computador e numa página são visuais e seus elementos podem ser analisados”.

Atrelar os recursos multimodais para significar os textos nem sempre é tão fácil. Kaindl (2004) mostra que as traduções de histórias em quadrinhos deixam a desejar justamente por privilegiarem a linguagem verbal para mostrar o humor do gênero. O autor acrescenta que a dimensão lingüística é importante, mas que se faz necessário acoplar a dimensão verbal com a dimensão não-verbal. Desassociar os recursos oferecidos pelo gênero CV é desconstruir a sua função social. Um dos exemplos apontados pelo pesquisador mostra uma determinada tira que, ao ser traduzida da língua francesa para a língua alemã, perdeu boa parte de seu humor, justamente porque o que estava verbalizado em francês era uma expressão idiomática também demonstrada na imagem. Como na língua alemã, não havia tradução para essa expressão idiomática, o que estava sendo representado na imagem não tinha sentido algum. É fundamental que se leve em conta o conjunto dos elementos multimodais, pois a crítica, o humor, a ironia e as referências culturais estão presentes nos gestos, expressões, falas, sotaques das personagens, bem como no cenário no qual a ação se desenrola.

1.3 INTERTEXTUALIDADE⁸ E MULTIMODALIDADE

A intertextualidade é inerente à CV, até mesmo porque para o autor criticar alguém ou alguma coisa se utiliza de algo da esfera social: pessoas, acontecimentos, instituições etc. Mas a questão está na forma como os elementos intertextuais são empregados na constituição dos mecanismos multimodais. Cada vez que o chargista recorre a outros textos para construir suas charges, algumas “pistas” desses textos são sinalizadas através dos elementos multimodais, seja na caricatura, nos gestos, nos objetos, nas músicas, entre outros.

⁸ Estamos utilizando o termo intertextualidade, em detrimento do termo interdiscursividade, com base na teoria de Bazerman (2006:92), que concebe intertextualidade de uma forma ampla, por evocar não só a representação da situação discursiva, como, também, seus recursos textuais e o modo como esses textos se posicionam diante de outros textos e os usa.

Muitos dos elementos intertextuais mostrados nas CVs são explorados através de seus recursos multimodais e, em especial, os recursos de áudio e animação. Muitas das CVs utilizam paródias de músicas para a sua constituição. Essas charges são chamadas pelo autor de “charges-okês”. O próprio nome das charges remete a um outro termo “videokê”, que consiste em um aparelho que reproduz apenas a melodia das músicas sem a letra, pois mostra a letra na tela da televisão para que alguém acompanhe e cante. As charges-okês levam esse nome pelo fato de a letra das paródias aparecem nos quadros para que o leitor possa acompanhar, porém, diferente do videokê, tanto a melodia quanto a letra são transmitidas através do áudio. Geralmente, o autor escolhe uma música para parodiar que se remeta, de alguma forma, ao assunto abordado na charge, como mostra o exemplo a seguir:

EXEMPLO 9 - Baba





A CHARGE VIRTUAL E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES
Helga Vanessa Assunção de Souza









(charges.com.br/2002)

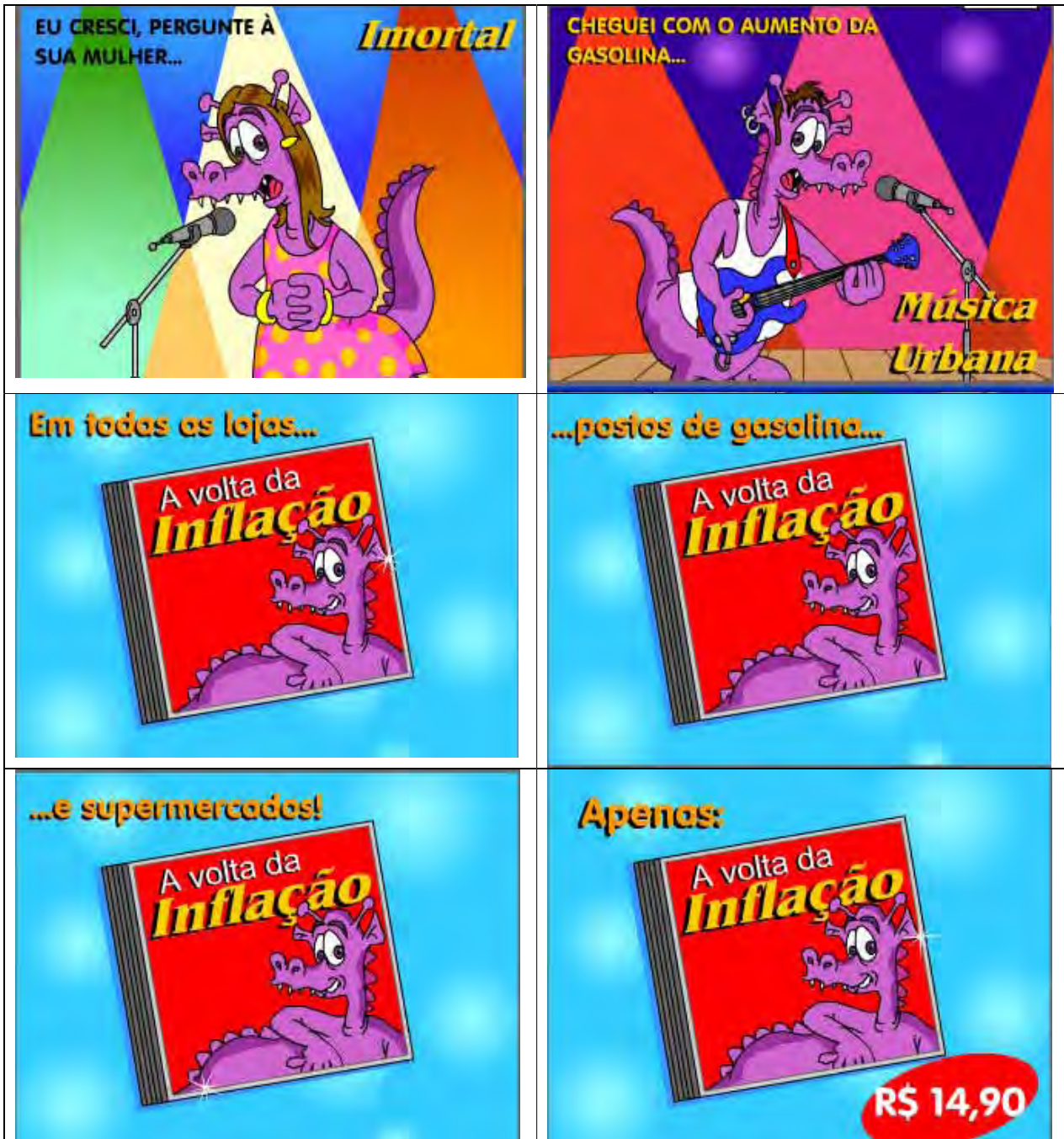
Nesse exemplo, o chargista faz uma paródia da música “Baba Baby” da cantora Kelly Key. A música original utiliza a expressão “baba” no sentido de um homem “babar” por uma mulher, ou seja, desejá-la imensamente. Já a paródia utilizada na charge, a palavra “baba” foi empregada no sentido de fazer o trabalhador, que ganha apenas um salário mínimo, “babar” pelo alimento exposto no supermercado, visto que este não ganha o suficiente para tê-lo. A crítica feita ao baixo salário, ao aumento do preço dos alimentos, a falta de conscientização política, entre outras, será reforçada com base na expressão “baba”, que será exibida através da personagem que fica com a língua para fora, “babando” pelo alimento que não pode possuir. Vale ressaltar, que a animação será estabelecida de acordo com o que é apresentado pela música. Como quem canta a paródia é a caixa de supermercado (moça loira, de seios fartos, semelhante a cantora Kelly Key) que, provavelmente, “baba” todos os dias em seu ambiente de trabalho (supermercado) por, também, ganhar um baixo salário, a personagem que representa um trabalhador (operário) vai reafirmar o que é dito por ela através da confirmação estabelecida pela movimentação de sua cabeça. A animação terá um papel fundamental na demonstração da paródia: o olhar do operário para os possíveis itens do supermercado, seu rosto de “sofrimento”, indignação, a concordância com as palavras da caixa de supermercado, o balançar dos braços da caixa de supermercado acompanhando o ritmo da música, servem de estampa para a representação da canção.

Bazerman (2006:94) chama atenção para o fato de que a intertextualidade hoje, apesar de ser um fenômeno bastante reconhecido, não possui ainda um vocabulário

analítico, assim, ele lista seis aspectos centrais da intertextualidade denominados níveis de intertextualidade. No nível seis, o autor explicita que “cada texto, a todo instante, depende da linguagem disponível no momento histórico e faz parte do mundo cultural de todos os tempos”. Na CV, a menção que se faz a outros textos está atrelada a fatores sociais e culturais, fator imprescindível para a sua compreensão. O exemplo que segue, apesar de não estar reproduzido em sua totalidade, visto que boa parte da charge foi suprimida, mostra o quanto o compartilhamento das questões culturais é importante para a relação intertextual que o gênero estabelece.

EXEMPLO 10 – Fragmento de *A volta da inflação*







(charges.com.br/2004)

Para identificar o humor da charge, o leitor necessita ter um conhecimento partilhado com os textos citados. A charge faz uma crítica à situação econômica brasileira, que vivia um momento de instabilidade. O autor faz uma espécie de propaganda televisiva para apresentar o CD intitulado “A Volta da Inflação”. O recurso de áudio terá um papel fundamental para a conexão intertextual estabelecida com a propaganda, pois, simultaneamente a aparição dos quadros, há um locutor que apresenta o produto.

O Brasil, durante um determinado período, manteve sua economia estável, no entanto, esta começou a entrar em crise e os produtos alimentícios, eletrônicos, entre outros, começaram a aumentar de preço, por isso a razão do título do CD ser “A Volta da Inflação”. A imagem que aparece na capa do CD é a de um dragão. Caso o leitor não compreenda absolutamente nada de política econômica, provavelmente, irá questionar a razão pela qual aparece a imagem do dragão que, nesse caso, representa a inflação, com suas “chamas” destruidoras, pronta para devastar a população consumidora. Assim, o autor mostra alguns antigos sucessos musicais, para marcar esta “volta”. Ele faz uso de três paródias de músicas para construir a crítica, sem, no entanto, alterar seus títulos: O Portão, Imortal e Música Urbana. A cada chamada feita pelo locutor aparece um fragmento da paródia, com seu possível cantor, com a mesma estrutura de uma propaganda de CD televisiva. Interessante é a caracterização do dragão na exibição de cada paródia, pois o chargista utiliza objetos, componentes físicos, expressões e gestos que compõem o cantor original das músicas parodiadas. Por exemplo, quem canta “O

Portão” é o cantor Roberto Carlos, que possui os cabelos grisalhos e um pouco compridos, além disso, durante muito tempo ele usou uma pena como brinco em uma de suas orelhas. Vale lembrar que Roberto Carlos costuma inclinar o pedestal do microfone ao cantar e que, geralmente, ele o mantém no suporte, tendo em vista que o cantor pouco se desloca no palco. O chargista aproveitou essas características do cantor (modo de portar-se no palco, tipo de microfone etc) para transpor para o dragão. Da mesma forma, ele fez com as outras duas paródias, “Imortal”, originalmente cantada pela cantora Sandy, que também tem suas características mostradas no dragão (meiga, calma, cabelos lisos) e “Música Urbana”, originalmente cantada pelo grupo Capital Inicial (cabelos curtos, guitarra, brincos na orelha, camiseta etc). No entanto, para fazer as associações das características mostradas no dragão, com os cantores originais, o leitor precisa conhecê-los, compartilhar desse conhecimento cultural, caso contrário, muito do gracejo é perdido.

Na mostra dos locais de vendas do CD (lojas, supermercados, postos de gasolina), o autor aproveita para realçar ainda mais a sua crítica, visto que a inflação pode ser vista e sentida em cada estabelecimento por ele mencionado. Um outro ponto que merece destaque é o final da apresentação do CD pelo locutor, tendo em vista que este cada vez que menciona o preço do CD, logo precisa “atualizar” o preço devido ao aumento proporcionado pela inflação. Assim, a cada novo preço, um som de máquina registradora aparece como “pano de fundo”, para ilustrar a crítica. Um outro exemplo de como o aspecto cultural é relevante para o reconhecimento do intertexto, bem como, a identificação da crítica na charge, segue abaixo:

EXEMPLO 11 – Fragmento de *Sabe quando o Lula vai ganhar?*





(charges.com.br/2002)

O chargista, na apresentação da charge, pergunta ao leitor “Sabe quando o Lula vai ganhar?”, enquanto isso, o cenário mostra um quarto com pessoas dormindo. Até então, o leitor não sabe de quem se trata, até o despertador, ao atingir às 7 h, tocar e Lula levantar. Mesmo o cenário estando escuro, uma forma de demonstrar que as luzes estavam apagadas e portas e janelas fechadas para impedir a claridade, pela sombra da personagem Lula o leitor tem condições de identificá-la através de alguns de seus atributos físicos: orelhas salientes, abdômen acentuado etc. Em seguida, um pedaço do teto despenca, Lula fica sem compreender, quando aparece um santo “simpático” dançando. A intertextualidade vai ser definida a partir do momento que o leitor ativar alguns conhecimentos relativos tanto a um comercial de venda de carros, quanto a um velho dito, bastante difundido na sociedade brasileira. Como é muito comum, no dia de algum santo, as pessoas pedirem algo, quando este “algo” é improvável de acontecer, surge o velho dito que geralmente é composto por um questionamento seguido de uma resposta, como, por exemplo: “Sabe quando você vai ganhar na loteria? No dia de São Nunca. Esse dito é utilizado para causas “impossíveis”, visto que não existe São Nunca, ele apenas foi criado para fazer uma ironia através do advérbio “nunca”, ou seja, o pedido nunca será realizado. Assim, um comercial de uma determinada concessionária de veículos utilizou-se desse mote para fazer a propaganda das facilidades oferecidas pelo estabelecimento para a compra dos veículos. Desse modo, aparece o cliente lamentando-se, ao olhar para o carro, dizendo que só no dia de São Nunca poderá obtê-lo, daí, surge o “São Nunca” (simpático, dançante, festeiro), para surpresa e felicidade do cliente que consegue, com a ajuda de São Nunca, fazer com que, o que era “nunca”, se tornasse

possível, no caso, a compra do carro. Da mesma forma, Lula depois de duas tentativas frustradas à presidência, sente-se mais confiante, como pode ser percebido em seu semblante ao verificar que a causa da quebra do teto de seu quarto era a descida de “São Nunca”, sempre alegre, dançando, simpático (do mesmo modo que mostra a propaganda televisiva).

Os recursos multimodais empregados nessa charge servirão como uma ferramenta importante para a construção da relação intertextual, tanto pela música de fundo que aparece com São Nunca, que é a mesma do comercial, quanto pela animação que permite a personagem São Nunca realizar a mesma coreografia mostrada pelo São Nunca da propaganda. Além disso, o efeito de luminosidade para contrastar o quarto escuro, com a quebra do teto e, conseqüentemente, a entrada da luz do sol pelo teto, serve de apoio para o desenrolar da história apresentada na charge, bem como na aparição de alguns elementos (pijama de estrelinhas de Lula, quadro com estrelinhas), que sinalizam para uma outra fonte intertextual: o PT (Partido dos Trabalhadores) partido ao qual Lula é filiado e tem como símbolo uma estrela vermelha.

Os mecanismos multimodais (áudio, animação, texto verbal etc) servem de apoio para fixar, ainda mais, as construções ideológicas provenientes da crítica abordada nas CVs. Os discursos propagados pelas personagens são moldados com base nos gestos, expressões faciais, objetos, cenário que complementam e (re)afirmam as práticas sociais estabelecidas pelas estruturas sócio-políticas que compõem a sociedade. Assim, a observância do discurso como uma prática social será o foco do capítulo que segue, que visa o discurso numa perspectiva crítica, tendo em vista que somos concebidos com base em nossos discursos e nos discursos da esfera social, de uma maneira geral.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

“A linguagem é o arame farpado mais poderoso para se garantir o poder”.

Maurício Gnerre

Ao encararmos a linguagem como a prática social por excelência e, conseqüentemente, formadora de representações e significações (Kress apud Pedro, 1998:27), inevitavelmente estamos considerando o contexto social como norteador das práticas discursivas sócio-histórico-culturalmente situadas, representadas por nós, sujeitos tanto construídos por estas quanto delas construtores. No entanto, a ênfase no social não negligencia os papéis de outros aspectos, como o cognitivo e o psicológico, que são vistos como resultantes da bagagem histórica de cada indivíduo. Como atores ativos, perante a sociedade, estamos sujeitos à escolha de elementos lingüísticos que determinam as nossas ideologias e constroem identidades e relações de poder. Diante disso, torna-se objeto de estudo da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) as relações de poder e de dominações legitimadas pelo uso da linguagem e as mudanças sociais que esse uso pode promover. Deste modo, temos uma relação dialeticamente estabelecida entre discurso e sociedade, em que esta molda aquele e é por ele moldada. (Fairclough, 2001:91). Percebemos, então, que a ACD é uma disciplina que está posicionada na interface entre os estudos sociais e os lingüísticos (estes baseados na perspectiva funcionalista de Halliday) e que procura estabelecer um constante diálogo entre essas duas áreas do saber.

2.1 ACD: ENFOQUE SOCIAL

Norman Fairclough, notadamente o principal analista crítico do discurso, situa esse último termo entre as práticas sociais e, portanto, distante do caráter individual da linguagem da perspectiva estruturalista: “ao usar o termo ‘discurso’, proponho considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade individual ou reflexo de variáveis institucionais”. (Fairclough, 2001:91)

Assim, a ACD tem como um de seus principais objetivos “mostrar como as práticas lingüístico-discursivas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas, mais abrangentes de poder e dominação” (Kress, 1990 apud Pedro, 1998: 22). As diferenças existentes entre grupos sociais se dão pela dominação de um grupo para outro. Exemplo claro desse tipo de dominação pode ser percebido através da linguagem publicitária, que precisa manipular seu discurso para envolver e atingir seu público-alvo. Esse aspecto das relações entre os sujeitos, no que diz respeito à assimetria entre os discursos e, por conseguinte, o poder exercido de um dos participantes sobre o(s) outro(s) é considerado como um dos critérios fundamentais da problematização teórica da ACD e já citado por Kress (1990, apud Rezende e Ramalho, 2006:27), do que podemos concluir que nunca há paridade total entre os indivíduos nas práticas sócio-discursivas por eles desempenhadas. Por essa razão, a ACD tem como foco as temáticas sociais (desigualdade social, racismo, sexismo, etc.) que mostram as relações de poder, relações sociais, construção identitária apreendidas dos discursos.

A respeito dessa dominação, reflexo de práticas discursivas, soam de maneira bastante produtiva as palavras de Van Dijk, segundo o qual a dominação é “o exercício do poder social por elites, instituições ou grupos, que resulta em desigualdade social, onde estão incluídas a desigualdade cultural e a que deriva da diferenciação e discriminação de classe, raça, de sexo e de características étnicas”. (Van Dijk, 1993 apud Pedro, 1998:25).

2.1.1 CONCEPÇÃO TRIDIMENSIONAL DO DISCURSO

Considerando essas práticas sociais como fundamentais no estudo do discurso, mas sem menosprezar a importância dos aspectos lingüísticos e interacionais, Fairclough, em sua Teoria Social do Discurso, apresenta-nos uma perspectiva tridimensional da análise do discurso. Para esse teórico, haveria três dimensões por meio das quais seria possível observar analiticamente as relações estabelecidas no evento discursivo: as dimensões da prática textual, da prática discursiva e da prática social.

O discurso enquanto prática textual está relacionado às regras de produção do texto, à forma como ele é tecido e como sua textura é adquirida. Na análise

textual, segundo o autor, são consideradas as características formais do texto e, por isso, ela pode ser organizada em quatro itens: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual (Fairclough, 2001: 103). No que diz respeito ao *vocabulário*, é interessante notar que, como bem frisa Fairclough, “os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas, e facetas de processos sociais e culturais mais amplos” (Fairclough, 2001: 230). Desta forma, o uso de itens lexicais tem implicações políticas e ideológicas, e permite a construção da realidade de um modo específico. Um exemplo de como as escolhas lexicais acentuam o caráter ideológico do discurso, pode ser visto na charge virtual reproduzida abaixo:

EXEMPLO 12: Brasileira pobre, revoltada, canta: “Amor e Sexo”, da Rita Lee











(www.charges.com.br/2006)

Como podemos observar, todo o discurso da charge é construído a partir de itens lexicais que, apesar de estarem no mesmo campo semântico, veiculam valores diferenciados, no que diz respeito ao aspecto sócio-cultural. Termos como “frouxo”, “tarado”, “trambiqueiro” e “caloteiro” contrapondo-se aos “complacente”, “caliente”, “negociante” e “relapso”, respectivamente, traçam um perfil característico, reflexo de uma convenção patrocinada pela sociedade, de dois grupos dicotômicos: a classe desprovida economicamente (na charge, descrita pelo termo “pobre”) e a classe provida economicamente (na charge, descrita pelo termo “rico”). As escolhas lexicais mencionadas para grupo dos “pobres” atribuem a este um valor pejorativo, que servem para demarcar a posição econômica da qual faz parte. Essas escolhas são reafirmadas pela estrutura recorrente *classe social + o verbo “ser”*, em que o uso desse verbo dá idéia de que cada uma das características associadas aos grupos

são constitutivas de sua natureza, impossibilitando uma mobilidade social, ou seja, criam uma noção estratificada de sociedade.

Vale ressaltar que as expressões valorativas destacadas por aspas, o que nos permite pressupor que se tratam de alusões a discursos construídos anteriormente, são reproduzidas de maneira indignada por uma integrante de um dos grupos abordados. Alguns elementos pictóricos (fogão, batedeira, geladeira, avental, vassoura, uniforme etc.) sinalizam para um contexto, em que o leitor através de inferências, ativa conhecimentos, de natureza diversa, da sua memória social. Assim, pode-se concluir que a voz enunciativa da charge é produzida por uma integrante do grupo desfavorecido economicamente – uma empregada doméstica.

Quanto à *gramática*, Fairclough (2001: 104) afirma que toda oração é resultante da combinação de significados⁹ ideacionais, interpessoais (identitários e relacionais) e textuais. Três dimensões da gramática são estudadas: transitividade, modalidade e tema. Em relação à transitividade, é relevante o estudo, por exemplo, das razões que motivam a escolha da voz passiva, que pode ter fins ideológicos, como omitir o agente ou a causalidade. Quanto à modalidade, podemos analisar o uso de alguns itens modalizadores, como verbos modais, advérbios, etc. Outro fator importante no estudo do discurso enquanto prática textual é a *coesão*. Para Fairclough, os marcadores coesivos não podem ser encarados apenas como elementos ou propriedades objetivas dos textos, “tais conexões e inferências [que os falantes precisam fazer para ‘interpretá-las’] podem apoiar-se em pressupostos de tipo ideológico”. (Fairclough, 2001:113). Por fim, temos a estrutura textual como item importante para a análise do discurso crítica. Segundo o autor, “a estrutura textual diz respeito à ‘arquitetura’ dos textos e especificamente a aspectos superiores de planejamento de diferentes tipos de textos”. (Fairclough, 2001:106).

Essa preocupação com a análise do ponto de vista textual é resultante da influência da Lingüística Sistêmica Funcional de Halliday, pela qual a Teoria Social do Discurso se orienta. A respeito dessa relação entre a ACD e a lingüística funcional, discutiremos mais adiante. O texto tem grande relevância para ACD, pois, como pontua Magalhães (2004:2), “os textos contribuem para definir os sentidos construídos nas práticas sociais. Mas são as práticas sociais que controlam a

⁹ No tópico “ACD: enfoque lingüístico”, mais adiante, abordaremos os tipos de significados, propostos por Fairclough, decorrentes da concepção de funções lingüísticas de Halliday.

seleção dessas possibilidades e sua manutenção ou transformação em domínios sociais particulares, por exemplo, no domínio da medicina, da religião ou do ensino”. A seleção de determinadas formas, portanto, não é de natureza individual ou psicológica, mas de caráter ideológico e podem construir diversos tipos de significados. Segundo Fairclough (2001:104), “toda oração é multifuncional”, tendo em vista que “as pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado (e a construção) de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença”.

O discurso enquanto prática discursiva diz respeito à forma como os gêneros textuais são produzidos, consumidos e distribuídos. Todo discurso se enquadra em uma situação, em um tempo e um espaço determinado e, por esse motivo, o termo discurso nos refere também a uma prática discursiva que permite a realização de outras práticas sociais (julgar, classificar, informar). A cada um dos processos discursivos estão associadas, conforme aponta Fairclough, algumas dimensões: (1) ao processo de produção associam-se a intertextualidade *manifesta* e a *interdiscursividade*; (2) ao de consumo, a *coerência*; e, finalmente, (3) à distribuição relacionam-se as *cadeias intertextuais*. (Fairclough, 2001: 283).

Finalmente, o discurso como prática social se constitui em função dos aspectos ideológicos e hegemônicos observados na instância discursiva sob análise. Fairclough (2001, 117) entende a ideologia como as construções da realidade que se fundamentam em diversas dimensões nas práticas discursivas. Isso quer dizer que o uso de determinadas formas lingüísticas, o que pressupõe a escolha de uma palavra ou estrutura em detrimento de outra, revela uma ideologia e, de certa forma, serve para que seja estabelecida ou mantida uma forma de dominação. Tal posição também está em sintonia com que afirma Thompson, no tocante à ideologia. Para esse autor, uma análise da dimensão ideológica de um discurso:

dedica-se principalmente aos modos como as formas simbólicas se interseccionam com as relações de poder. Dedicar-se aos modos como o sentido é mobilizado no mundo social e serve aí para nutrir os indivíduos e grupos que ocupam posições de poder. (...) estudar ideologia é estudar os modos em que os sentidos servem para estabelecer e manter relações de dominação. (Thompson apud Costa *et al.*, 1997: 72).

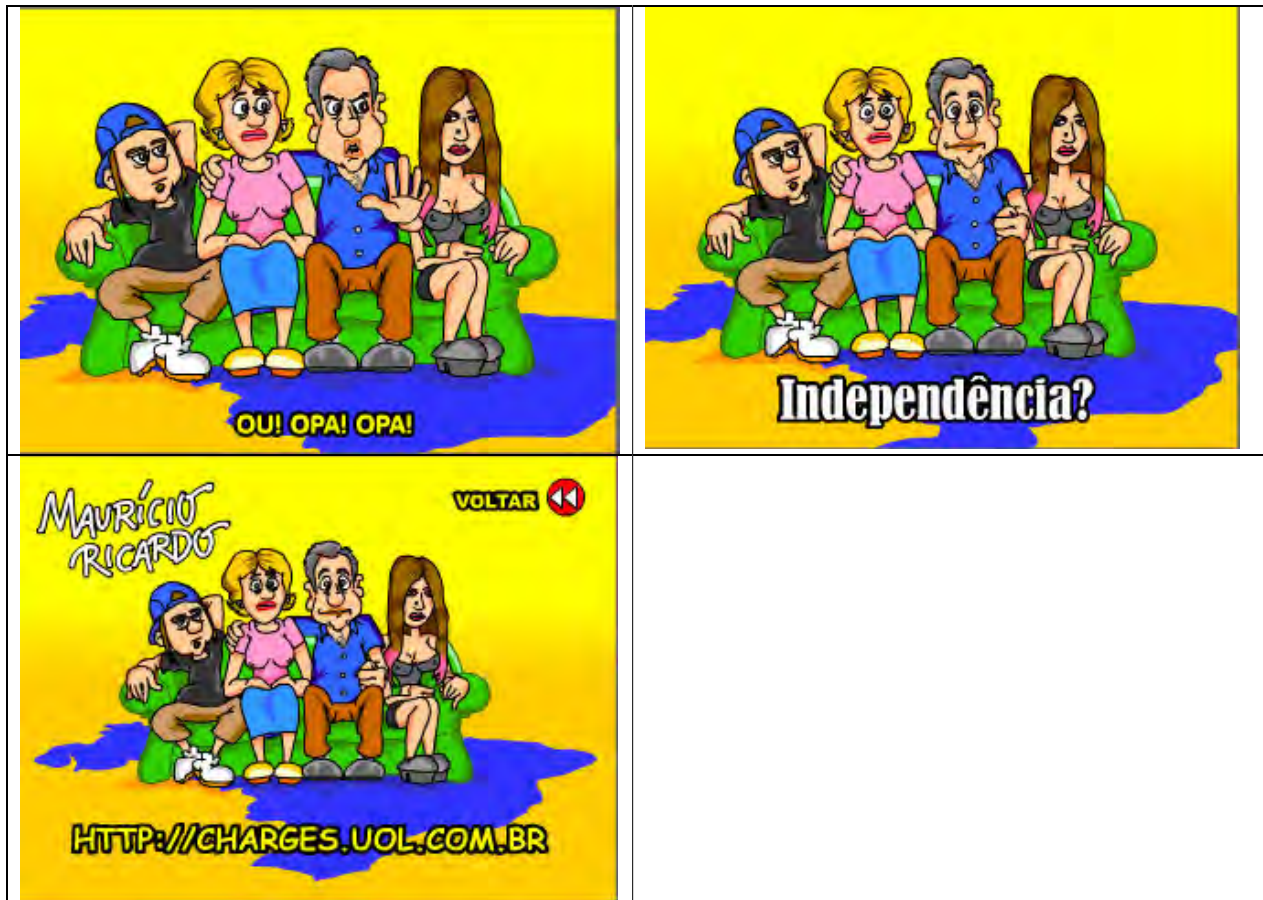
A charge abaixo é um exemplo claro de como as relações de dominação estão presentes, na sociedade.

EXEMPLO 13 - Hino da Independência









(www.charges.com.br/2006)

A charge reproduzida acima faz uma paródia do Hino da Independência do Brasil. Alguns elementos visuais que compõem o cenário reforçam o texto verbal, uma vez que remetem às cores que caracterizam a bandeira brasileira: azul (no tapete), verde (no sofá) e amarelo (no pano de fundo). Além disso, há uma alusão ao formato cartográfico do Brasil, representado pelo tapete.

Tendo em vista a proximidade do período das eleições para presidente, que ocorreu no segundo semestre de 2006, o autor da charge dialoga com o Hino da Independência com o intuito de veicular uma crítica à situação política do país. A partir daí, algumas questões ideológicas são postas em destaque como, por exemplo, a dominação política em relação à população brasileira, tendo em vista que esta não encontra alternativas para driblar as imposições as quais está submetida. Vale salientar que a situação apresentada na CV constitui um microcosmo (representado por uma família brasileira) de uma realidade macro – a sociedade

como um todo. Essa família, cujos componentes giram em torno da figura paterna e a esta estão subordinados, se equipara, de certa forma, ao modelo de administração política, em que o poder se concentra nas mãos de uma minoria que “dita” as regras. Essa minoria vai ser demarcada pela classe política em contraposição à população e, também, na figura da personagem Sr. Juarez, como pode ser confirmado através de alguns aspectos textuais e culturais. Um aspecto que pode ser observado é a maneira como o narrador se refere aos componentes da família em questão – apenas o nome do Sr. Juarez é evocado, enquanto os demais são destacados como assujeitados e dependentes da figura do pai – o que pode comprovar a visão patriarcal ainda estabelecida no Brasil. Além disso, a única personagem que tem “voz”, que dialoga com o narrador é a personagem do Sr. Juarez; os outros componentes não passam de meros figurantes, até mesmo pelos papéis que representam socialmente, ou seja, a mulher (submissa ao marido e não envolvida com questões políticas), os filhos (adolescentes que fazem uso da moda convencional pela mídia – boné, piercing etc – que não tomam partido dos acontecimentos político-sociais do país, já que estes são vistos, geralmente, como seres alienados que buscam apenas a futilidades).

Um outro ponto que merece atenção é a tomada de turno do Sr. Juarez. Com base em nosso conhecimento cultural, podemos pressupor que o narrador iria finalizar a paródia do Hino com uma expressão de teor pejorativo e reprovável. Diante disso, com o intuito de “poupar” os integrantes de sua família do conteúdo dessa expressão, Sr. Juarez reafirma seu papel de “chefe da família”.

O último quadro da CV levanta um questionamento: “Independência?”. Tal indagação promove uma série de outras reflexões: como podemos ser independentes se estamos a mercê dos ditames de uma minoria que detém o poder? Como podemos ser independentes se não temos autonomia para promovermos mudanças na estrutura da pirâmide social vigente no Brasil? Como podemos ser independentes se os direitos e deveres pregados na Constituição não são garantidos para toda a população?

É importante ressaltar que, permeando a afirmação de Thompson a qual corrobora ainda mais a tese de Fairclough, a linguagem promove mudanças sociais a partir de mudanças discursivas, o que não é considerado, por exemplo, pelos

sociolinguistas. A ACD bem como a Linguística Crítica, apesar de não negarem as contribuições da Sociolinguística no que diz respeito à influência do social na linguagem, vêem nessa vertente dos estudos linguísticos uma falha, já que não é levada em conta a variação da sociedade em função da linguagem. A respeito dessa discussão, Fowler and Kress, em capítulo de *Language and control* (1979) intitulado *Critical linguistics*, sugerem que a análise linguística, da qual são atuantes, leve em consideração não só a influência da estrutura social no uso da linguagem, mas também a direção inversa. Segundo esses analistas críticos, em acordo com a afirmação de Thompson acima destacada, “a linguagem serve para confirmar e consolidar as instituições que a modelam, sendo usada para manipular os interlocutores (...), para manter o poder das agências estatais, da sociedade e de outras instituições”. (Fowler *et al.*, 1979:190, tradução nossa).

Ainda na discussão acerca das relações entre ideologia e discurso, é relevante mencionar a visão de Van Dijk a respeito. Segundo esse analista crítico do discurso, que enfatiza o papel da cognição na relação entre discurso e produção de poder e dominação, “as ideologias são modelos conceptuais básicos de cognição social, partilhados por membros de grupos sociais. (...) Para além da função social que desempenham ao defender os interesses dos grupos, as ideologias têm a função cognitiva de organizar as representações sociais (atitudes, conhecimentos) do grupo, orientando assim, indirectamente, as práticas sociais relativas ao grupo”. (Van Dijk, 1997: 107-108). Diante dessas funções das ideologias, Van Dijk (1997:107-110) apresenta sete hipóteses consideradas na sua abordagem da ideologia: (1) “as ideologias são cognitivas”; (2) “as ideologias são sociais”; (3) “as ideologias são sociocognitivas”; (4) “as ideologias não são ‘verdadeiras’ ou ‘falsas’”; (5) “as ideologias podem ter vários graus de complexidade”; (6) “as ideologias têm manifestações que variam de acordo com o contexto”; e, finalmente, (7) “as ideologias são gerais e abstratas”. Para esse autor, é preciso pormenorizar as relações entre a ideologia, o discurso e as práticas sociais, visando a suprir as deficiências de outras abordagens formais.

Algumas dessas abordagens tomam a ideologia como constitutiva do texto, afirmam que as ideologias estão *no* texto. Diante disso, Fairclough, mesmo não negando que os textos, de certa forma, apresentem as ideologias dos atores/grupos

sociais, levanta uma questão relevante: as ideologias estão no texto ou no evento em que elas perpassam? Esse autor advoga a favor da concepção que considera que “a ideologia está localizada tanto nas estruturas (isto é, ordens do discurso) que constituem o resultado de eventos passados como nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras”. (Fairclough, 2001: 119). Essa afirmação se deve pela razão de os textos estarem sujeitos a interpretações dos vários atores sociais que, por sua vez, estão ideologicamente marcados. Assim, as ideologias podem variar de acordo com os eventos sociais, dos quais os textos são apenas momentos. Notemos que essa idéia está em sintonia com a sexta hipótese considerada por Van Dijk (“*as ideologias têm manifestações que variam de acordo com o contexto*”), anteriormente citada.

Vale a pena ressaltar que, apesar de os sujeitos estarem posicionados ideologicamente, estes podem agir criativamente e “reestruturar suas práticas e as estruturas posicionadoras”, nas palavras de Fairclough. Segundo ele, “à medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades [caracterizadas por relações de dominação com base na classe], são capazes de transcender a ideologia”. (Fairclough, 2001:121, grifo nosso). Fairclough ainda levanta uma outra questão quanto aos sentidos do texto: os sentidos das palavras são ideológicos? Segundo o autor, outros aspectos semânticos devem ser levados em conta, como as pressuposições, as metáforas e a coerência, para a constituição ideológica dos sujeitos. (Fairclough, 2001:119).

O outro conceito bastante importante na análise do discurso enquanto prática social é o de hegemonia, que foi proposto por Gramsci, em ocasião de sua análise do capitalismo ocidental e da estratégia revolucionária da Europa Ocidental. Retomando e atualizando o conceito de Gramsci, Fairclough afirma que a hegemonia se caracteriza pelo domínio econômico, político, cultural e ideológico exercido pelo poder de um grupo social sobre os demais (Fairclough, 2001: 122). Vale salientar que esse domínio de uma classe, aliado a outras forças sociais, “nunca [é] atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’”. (Fairclough, 2001:122, grifo nosso). Segundo Fairclough (1997: 81), esse equilíbrio pode perder-se devido ao fato de, a partir da luta hegemônica, haver uma

“desnaturalização de convenções existentes e sua substituição por outras”. (Fairclough, 1997: 80).

Diante do quadro teórico traçado por Gramsci, Fairclough (1997) se propõe a observar como se dá a relação entre discurso e hegemonia, e, para tanto, destaca duas possíveis relações entre estes. Para o analista crítico do discurso, a prática e a luta hegemônica assumem, comumente, a forma de prática discursiva na interação verbal. Assim, o conjunto de convenções discursivas existente na sociedade, que se relaciona a certas ideologias, pode ser modificada e transformada em senso comum. Desta forma, as ideologias que a ele se associam também são alteradas. Percebemos, então, o quanto estão inter-relacionadas a ideologia e a hegemonia, na medida que esta permite que sejam perpetuadas e (re)produzidas dimensões ideológicas. Conseqüentemente, a luta hegemônica se constitui pela (re)estruturação de novas práticas, no lugar das que foram desnaturalizadas.

Quanto a outra relação entre discurso e hegemonia estabelecida por Fairclough, temos o discurso como o próprio lugar hegemônico. No entanto, a hegemonia na esfera do discurso, de um grupo sobre a sociedade ou sobre parte dela, se dá por uma relação de dependência em que o domínio é fruto da habilidade em “moldar” práticas discursivas. Segundo Gramsci (apud Fairclough, 1997:81), é nesta área que se observa a relação entre hegemonia e as diversas variantes lingüísticas e a conseqüente eleição de uma delas como padrão.

Para Fairclough, as duas relações entre discurso e hegemonia apresentadas devem ser analisadas conjuntamente, visto que são nas práticas discursivas concretas “que são produzidas, reproduzidas, questionadas e transformadas as estruturas hegemônicas de ordens do discurso” (Fairclough, 1997:82).

Segundo Pedro (1997:29), o próprio termo hegemonia pressupõe que uma análise crítica do discurso e da dominação não é simples, levando em consideração que há muitas formas de domínio que estão imbricados nas interações social e discursiva.

Sinteticamente, então, podemos representar o modelo tridimensional do discurso, proposto por Fairclough, bem como as categorias analíticas para cada uma das dimensões, da seguinte maneira:



Figura 1 – Concepção Tridimensional do discurso

Diante dessa forma tridimensional de encarar o discurso, Fairclough propõe a análise, como foi dito, das relações de poder advindas do uso da linguagem. No entanto, vale salientar, não se tratar de uma visão determinista. Segundo Pennycook (apud Pedro, 1997:37), é demasiado determinista e reducionista a posição de Fairclough, quando este afirma que as desigualdades sócio-econômicas são advindas das relações de poder que, por sua vez, são fruto das práticas discursivas e sociais dos sujeitos. Para Pedro (1997: 37), entretanto, as preocupações de Pennycook são infundadas, uma vez que, mesmo diante de outros fatores para a desigualdade, é fato que há uma hierarquia entre classes e sujeitos que são decisivas para o exercício do poder. (Pedro, 1997:37). Ainda segundo a autora, não se pode reduzir o projeto teórico e analítico da ACD a esse fator, já que esta considera os processos de interação discursiva.

Fairclough, como principal representante da ACD, encara dialeticamente a relação entre discurso e sociedade e, a partir dessa relação, afirma ser possível promover a mudança social. Para isso, o autor leva em consideração, dentre outros

fatores, os processos e estruturas sociais que proporcionam a construção dos sentidos na interação verbal. Tendo em vista os sentidos produzidos nas práticas discursivas, trataremos a seguir da operacionalização de três significados, propostos por Fairclough, a partir das funções de Halliday.

2.2 ACD: ENFOQUE LINGÜÍSTICO

Como foi mencionado anteriormente, a ACD se orienta pela perspectiva funcional de Halliday e pela Lingüística Sistemática Funcional (doravante LSF), da qual é representante. Assim como a ACD, a LSF considera a influência do contexto sócio-histórico-cultural dos participantes da interação verbal na construção dos significados do texto.

Wodak (2004), em artigo que traça um panorama geral dos desenvolvimentos da análise crítica, afirma que alguns críticos focalizam em suas análises, aspectos textuais, contextuais, microlinguísticos, etc. dos textos, mas em qualquer um desses estudos há referências à gramática sistêmica funcional de Halliday. Por isso, ainda segundo a autora, “compreender as premissas básicas da gramática hallidayana e sua abordagem à análise lingüística é essencial para uma compreensão mais ampla da ACD”. Na LSF, é investigado o uso efetivo da linguagem em relação à atividade social e são considerados o texto, o contexto e a linguagem. Para Halliday (apud Resende e Ramalho, 2006:57), é fundamental para a organização dos usos da linguagem, e não apenas uma forma de distinção, a variação funcional. Segundo esse lingüista crítico, há três macrofunções (ou metafunções) atuantes no texto: a função *ideacional*, a função *interpessoal* e a função *textual*.

A função ideacional da linguagem diz respeito aos significados relacionados à nossa experiência, enquanto sujeitos sócio-historicamente situados. Essa função expressa o significado da experiência cognitiva e lógica do discurso. São as representações simbólicas da realidade, do mundo que nos cerca. A função interpessoal corresponde a uma forma de ação, considerando sua função no processo de interação social. Essa função está sempre presente, já que representa a interação dos sujeitos do discurso. A terceira função proposta por Halliday, a textual, diz respeito aos “aspectos semânticos, gramaticais, estruturais, que devem

ser analisados no texto com vistas ao fator funcional”. (Resende e Ramalho, 2006:57).

Fairclough, tendo em vista seus propósitos analíticos, recontextualiza a LSF e utiliza-se das macrofunções de Halliday, propondo algumas alterações. Fairclough mantém a função ideacional, mas divide a função interpessoal em duas outras funções: a *função identitária* e a *função relacional*. A primeira “relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso” e a segunda diz respeito a “como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas”. (Fairclough, 2001:92). Segundo o autor (2001: 209), há uma tendência em focalizar a expressão em detrimento da identidade nas funções da linguagem, como é o caso dos estudos de Jakobson¹⁰. Para Fairclough, quando se tem a construção do “eu” como centro da análise, a função da identidade passa a ter grande importância. Por isso, o autor divide a função interpessoal de Halliday, já que, ao focalizar a expressão, a função da identidade estava sendo menosprezada.

Quanto à função textual proposta por Halliday, Fairclough, em estudo mais recente, *Analysing Discourse* (2003), prefere integrá-la ao significado acional em vez de considerá-la separadamente (apesar de tê-la incorporada, em Discurso e mudança social): “não distingo uma função ‘textual’ separada, ao contrário, eu a incorporo à ação”.(Fairclough, 2003 apud Resende e Ramalho).

Para Fairclough (apud Resende e Ramalho, 2003), o discurso enquanto parte constitutiva das práticas sociais pode figurar como um modo de *agir*, um modo de *representar* e um modo de *ser*, e a cada um desses modos associa um tipo de significado. Ao modo de agir, Fairclough relaciona o *significado acional*, em que os textos são produtos da (inter)ação do sujeitos e de suas práticas. Desta forma, os gêneros correspondem a modos de agir discursivamente, e o discurso é visto como, primeiramente, lugar de ação: “[os gêneros são] o aspecto especificamente discursivo de maneira de ação e interação no decorrer de eventos sociais”. (Fairclough, 2003 apud Resende e Ramalho, 2006:62). Esse significado corresponde à fusão das funções textual e relacional. Ao modo de representar,

¹⁰ Jakobson propõe, como uma das funções da linguagem, a função emotiva ou expressiva, que “visa à expressão direta da atitude do falante em relação àquilo que ele está falando”. (Jakobson, 1961:354 apud Fairclough, 2001:209).

segundo o autor, corresponde o *significado representacional*, em o que o discurso se dá pela representação do mundo material, pelas várias perspectivas deste, resultantes das relações que as pessoas estabelecem com ele e entre si. Esse significado corresponde à função ideacional, proposta por Halliday e mantida por Fairclough, em Discurso e Mudança Social. Finalmente, ao modo de ser, temos o *significado identificacional*, em que o discurso se constitui pela construção de identidades sociais, que permitem a identificação dos atores sociais em textos, a identificação do estilo. O significado identificacional corresponde, na nova perspectiva de Fairclough, à antiga função identitária, uma das duas funções estabelecidas por Fairclough (2001) e proveniente da função interpessoal de Halliday.

Como podemos perceber, Fairclough (apud Resende e Ramalho, 2003) estabelece uma correspondência entre os significados acional, representacional e identificacional e os gêneros, discursos e estilos, respectivamente. Considerando que estes últimos, de certa forma, conectam o texto a outros elementos da esfera social, podemos afirmar que uma análise crítica do discurso deve levar em conta as diversas realizações lingüísticas a que os sujeitos recorrem em suas práticas discursivas e sociais, a inter-relação dos três significados e a maneira como os gêneros, discursos e estilos são utilizados na articulação do texto. Um exemplo de como essa articulação entre os elementos citados anteriormente são concretizados pode ser observada na charge a seguir.

EXEMPLO 14 – Garoto brasileiro canta: HINO NACIONAL











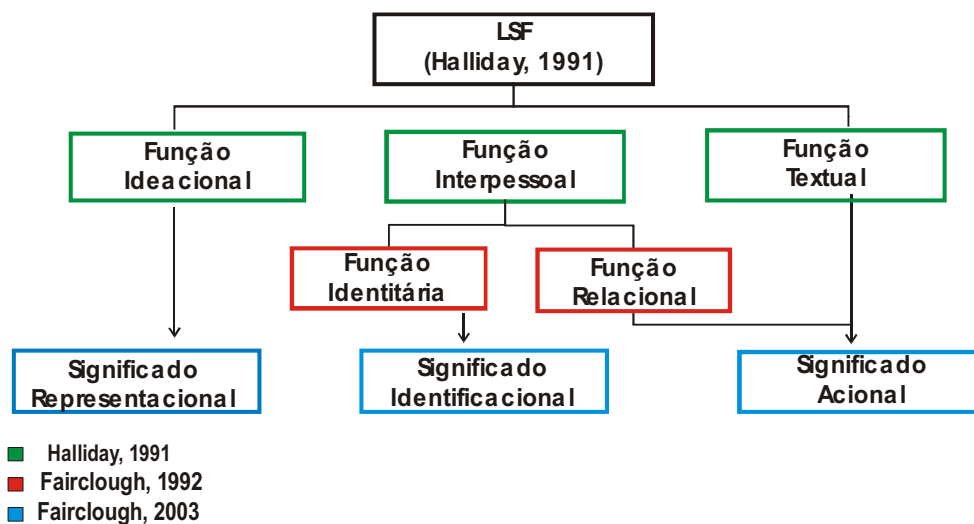


(www.charges.com.br/2006)

Tomando como ponto de partida o Hino Nacional do Brasil, a charge contrapõe dois períodos sócio-historicamente distintos: o contexto de produção do Hino – que reflete uma exaltação da pátria, própria de um país que estava até então sob domínio de uma outra nação e, portanto, precisava valorizar suas qualidades e feitos heróicos, bem como a expectativa de um futuro promissor – e o contexto de leitura atual – que, pela distância cronológica e, conseqüentemente, pela mudança do contexto histórico, altera o caráter original do hino, já que hoje, diante da situação sociopolítica do nosso país, percebemos uma insatisfação por parte da população como um todo. O texto-fonte é caracterizado, no que diz respeito às estruturas lingüísticas, por uma linguagem mais grandiloqüente e por construções sintáticas marcadas pela forma indireta, como podemos perceber no hipérbato inicial (“Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante”). Já o texto parodiado, se constitui por uma linguagem simples, é predominantemente construído na ordem direta, não há uma preocupação com a norma padrão (“tu já é”, “os mano”) e se utiliza de gírias (“maneiraço”, “bonito pacas”, “pra burro”). O fato de a personagem se predispor a “traduzir” o Hino Nacional “pra todo mundo entender” alude à parcela da população que “sabe” sua letra, mas na maioria das vezes não reconhece alguns termos que são empregados na sua superfície lingüística e, por conseguinte, não compreende a idéia que perpassa em sua letra. Vale ressaltar que, mesmo quando os leitores reconhecem as palavras presentes no Hino, ainda sentem dificuldade na leitura deste, em virtude da forma como os enunciados estão articulados.

Depois de “traduzido” o Hino, a personagem se preocupa, frente a uma provável descrença do público que assiste a sua apresentação¹¹, em se eximir da responsabilidade no que diz respeito ao conteúdo do texto, agora bem mais claro para os expectadores. Estes, por sua vez, numa perspectiva mais ampla, representa o povo brasileiro em geral. Essa possível descrença, surgida por meio da compreensão da informação antes velada, é fruto de questionamentos acerca de alguns dos nossos sentimentos nacionalistas: - Cadê o futuro? Cadê a igualdade? Até quando teremos que ter esperança?

Mesmo recontextualizando a LSF, Fairclough mantém o princípio do pensamento de Halliday. O esquema abaixo representa o desenvolvimento dessa perspectiva:



Esquema 1 – Multifuncionalidade da linguagem (da LSF até a ACD)

Como podemos perceber, é de fundamental importância a contribuição de Halliday quanto às funções da linguagem. Fairclough as recontextualiza e propõe, como instrumentos analíticos do discurso necessários, no que diz respeito aos aspectos lingüísticos, dos três significados acima mencionados. Entretanto, é importante frisar que não se justifica uma análise crítica do discurso considerando

¹¹ O cenário que compõe a CV é semelhante a de um palco, visto que o piso, pela cor marrom, lembra um tablado de madeira e atrás da personagem há uma cortina, representando a bandeira do Brasil, colocada para compor o ambiente da apresentação, provavelmente, realizada em uma escola, para homenagear o dia da Independência do país.

isoladamente os aspectos lingüísticos, nem tampouco apenas os aspectos sociais. No entanto, esses aspectos foram, nesse capítulo, expostos separadamente, tendo em vista fins didáticos, uma vez que é nosso intuito tornar mais claras algumas das principais discussões da ACD, que fundamentam nosso trabalho. Então, considerando essas discussões aqui mencionadas e a importância das estruturas lingüísticas na construção das identidades sociais, trataremos a seguir dos estereótipos sociais cristalizados cultural e historicamente que estão presentes nos discursos que permeiam a sociedade e, conseqüentemente, nas CVs, tendo em vista que estas se constituem como uma representação da sociedade.

CAPÍTULO 3
OS ESTEREÓTIPOS SOCIAIS: INSTRUMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DE
IDENTIDADES

IDENTIDADE

Que povo eu sou
que senta comigo no sofá
e que assiste a TV embasbacado?
Que povo eu sou
se não sou um
mas muitos nós?
Que povo eu sou
que vai à missa
e pede perdão e pede clemência
e salvação pelos erros
que cometem conosco comigo?
Que povo eu sou
incompleto e perdido?
Que povo eu sou
que vivo olhando
para o meu próprio umbigo
e não me encontro em mim
mesmo nos outros eus?
Que povo eu sou
se não sou eu?
Hideraldo Montenegro

O poema de Hideraldo Montenegro reflete algumas das várias facetas realizadas por nós ao constituir nossa identidade, identidade esta construída através dos vários “eus” que habitam em cada indivíduo e se manifesta através dos papéis que desempenhamos no cotidiano. O poeta ao questionar “Que povo eu sou?” revela a inexatidão identitária inerente a cada ser humano. Temos um “povo” dentro de nós, que mostra a nossa identidade cultural (língua, costumes, crenças, valores éticos e morais etc), que nos permite viver em sociedade e realizarmos nossos papéis sociais. A inexatidão está justamente nas modificações constantes dos papéis sociais que desempenhamos ou deixamos de desempenhar, porque vivemos numa constante “mutação” que é gerada por diversos fatores. Dentre eles, as fases da vida (infância, adolescência, maturidade, velhice etc); pois, em cada uma dessas

fases, desempenhamos papéis diferentes que são estabelecidos pelas nossas relações sociais (família, escola, amigos) e que afetam diretamente a nossa forma de agir e pensar. Bauman (2004: 54-55) compara a nossa identidade com um quebra-cabeça. No jogo, através da conexão das peças disponíveis, é possível a visualização final da imagem. Já no quebra-cabeça identidade, a imagem final nunca pode ser concluída, pois, apesar de conseguirmos encaixar algumas peças que a compõe, muitas destas passam por mudanças, são trocadas e/ou descartadas ao longo de nossa vida. Nossa identidade está sempre em construção. O autor afirma que

as pessoas em busca de identidade se vêem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de “alcançar o impossível”: essa expressão genérica implica, como se sabe, tarefas que não podem ser realizadas no “tempo real”, mas que serão presumivelmente realizadas na plenitude do tempo – na infinitude... (Bauman, 2004: 16-17)

Paralelamente aos nossos papéis sociais, estão os estereótipos sociais que interferem diretamente nas ações que praticamos, pois através delas somos incorporados e/ou submetidos a determinados grupos, com base em características típicas e delimitadoras que, inevitavelmente, servirão de base para compor a nossa identidade. São essas características que fornecem “dados” para distinguir, por exemplo, os integrantes das classes que compõem a pirâmide social: classe baixa, classe média e classe alta. Desse modo, verificamos o quanto os estereótipos estão vinculados a dominação e ao poder convencionados pela estrutura social a que pertencemos.

3.1 OS ESTEREÓTIPOS SOCIAIS

Durante muito tempo, na tentativa de uma definição ao termo estereótipo, várias noções foram atribuídas. Pereira (2002:43-45) define estereótipo em dois planos: o etimológico e o histórico. O primeiro está relacionado a duas palavras gregas, *stereos*, que significa rígido e *túpos*, que significa traço. O segundo diz respeito à psiquiatria do século XX, que se utilizava da palavra estereotipia no diagnóstico de pacientes que sofriam de *dementia praecox*, que consiste na

repetição freqüente e mecânica de gestos, postura ou fala. Ainda no plano histórico, a palavra estereótipo está relacionada a um aparelho tipográfico, que produzia uma mesma impressão milhares de vezes. No entanto, o autor afirma que tais definições são genéricas e nos apresenta outras definições. Uma, dentre muitas, revela que os estereótipos eram concebidos como fotografias, visto que estavam diretamente ligados às impressões imediatas objetivas e, a partir delas, eram arquivadas na memória. A partir daí, no ano de 1933, os pesquisadores Katz e Braly fizeram uma pesquisa que consistiu no levantamento de uma série de características listadas por cem alunos da Universidade de Princeton, que estabeleciam traços constitutivos para representar dez grupos étnicos. Os pesquisadores constataram que a atribuição de características estava relacionada ao compartilhamento das opiniões sociais.

Pereira (2002:45) menciona que ainda hoje presenciamos o compartilhamento das crenças, ou seja, opiniões sociais e apresenta a definição dada para estereótipos com base nas teorias atuais. Assim os estereótipos são tidos como “crenças sobre atributos típicos de um grupo, que contêm informações não apenas sobre estes atributos, como também sobre o grau com que tais atributos são compartilhados”.

Orlandi (2004) faz distinção entre as expressões clichê, *poncif*, lugar comum, idéias recebidas e estereótipos, concebendo este último como derivado de processo de categorização e de generalização. Dessa forma, o estereótipo simplifica o real, favorecendo uma visão esquemática, própria aos preconceitos. A autora afirma que apesar do termo estereótipo está ligado à noção de preconceito, inexatidão, crença geral, ele vai trazer também a idéia de estabilidade e através dessa noção ambivalente, podemos partir para a reflexão da relação do indivíduo com o outro e consigo mesmo, dos grupos com seus membros etc.

Além dessas definições, Pereira (2002:46) distingue estereótipos e processos de estereotipização, com base nos autores Leyens, Yzerbt e Schadron que concebem os estereótipos como

crenças compartilhadas sobre os atributos pessoais, especialmente traços de personalidade, como também sobre os comportamentos de um grupo de pessoas, enquanto definiram a estereotipização como processo de aplicar um julgamento estereotipado a um indivíduo de

forma a representá-lo como portador de traços intercambiáveis com outros membros de uma mesma categoria. (PEREIRA, 2002:46)

Assim, fica claro que o conceito de estereótipos está diretamente relacionado à forma como a sociedade, de uma maneira geral, concebe, compartilha e julga determinados grupos sociais.

3.2 OS ESTEREÓTIPOS SOCIAIS E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Os estereótipos sociais por trazerem uma concepção cristalizada socialmente a respeito de indivíduos e grupos de indivíduos, conseqüentemente, estão presentes nos discursos discriminatórios e preconceituosos convencionados pela sociedade. Dessa forma, são um forte aliado para a construção identitária do ponto de vista social, pois, estamos sempre julgando e sendo julgados pela visão de outros. Mesmo quando não nos vemos da forma como a sociedade nos julga, não escapamos dessa “visão” global, por ser esta mais sólida, já que um grupo social tem mais poder que apenas um indivíduo.

Pereira alega que os estereótipos servem como bases para o preconceito e a discriminação. Primeiro o autor pontua a diferença entre os termos preconceito e discriminação, sendo esta manifestada “nas circunstâncias em que ocorre um tratamento injusto em relação a alguma pessoa exclusivamente em decorrência da afiliação da pessoa objeto desse tratamento”. (Pereira, 2002:88). Além disso, o autor explica que existem várias formas de discriminação que podem ser exibidas através de um contínuo marcado por graus de intensidade crescente, variando entre a rejeição verbal (comentários ácidos, anedotas, insultos verbais, entre outros) e a interdição que se dá através do ato de impedir o acesso ou o contato de pessoas do grupo que são alvos da discriminação.

O preconceito, no entanto, “retira o seu poder e a sua força de um conjunto de idéias extremamente genéricas sobre os grupos externos”. (Pereira, 2002:88). Partindo dessa distinção, o autor afirma que os estereótipos se manifestam nos preconceitos e na discriminação, principalmente no que se refere aos meios de comunicação de massa, visto que esses contribuem para o desenvolvimento de crenças estereotipadas compartilhadas pelo coletivo. Pereira (2005) discute a forma

como recebemos os fatos ocorrentes no mundo e como eles são relatados pelos meios de comunicação, afirmando ser tais relatos imbuídos de valores e estereótipos resultantes da cultura e das versões de quem os divulga. Assim, esses relatos selecionam fatos e pessoas tendo como base critérios pessoais, técnico-profissionais, de interesse do poder dominante, entre outros. Desse modo, a autora mostra que recebermos um mundo editado, um mundo composto por informações e imagens que contribuem para a formação da nossa visão de mundo.

A identidade de um indivíduo também é definida por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. Castells (2002) explica que os indivíduos possuem identidades múltiplas e essa pluralidade vai servir como “fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social”. Em seguida, o autor afirma que existe uma diferença entre identidades e o que os sociólogos chamam de papéis sociais, sendo as identidades constituídas por “fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por um processo de individuação”, e que, mesmo sendo constituídas por instituições dominantes, só terão legitimidade se os atores sociais internalizarem as identidades promovidas pelas mesmas. (Castells, 2002: 22). Porém, convém mencionar que mesmo quando tais identidades não são internalizadas pelos indivíduos, a sua construção identitária se faz também a partir de um órgão mais “poderoso”: a sociedade. O mesmo autor, em seguida, afirma que não é difícil concordar que toda e qualquer identidade é construída, mas que, para tanto, deve-se levar em consideração a partir de quê, por quem, e para que isso acontece; já que a construção de identidades “vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso”.

Ao mencionar que a construção de identidades ocorre em contextos marcados por relações de poder, Castells (2002:24) apresenta três formas de construção de identidades:

- **Identidade legitimadora:** introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais.

- **Identidade de resistência:** criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos.
- **Identidade de projeto:** quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. Esse é o caso, por exemplo, do feminismo que abandona as trincheiras da resistência da identidade e dos direitos da mulher para fazer frente ao patriarcalismo, à família patriarcal e, assim, a toda estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabeleceram.

Embora muitos grupos sociais tenham alcançado conquistas essenciais para a sua autonomia quanto grupo, como pontua Castells (2002), ao se referir às mulheres, cujos direitos antes eram muito mais resumidos; ainda há uma perpetuação de alguns estereótipos no que diz respeito ao comportamento feminino. Hoje, como bem explicita Moita Lopes (2003), as mulheres competem com os homens no mercado de trabalho, porém, ainda assim, existe a concepção de que “lugar de mulher é na cozinha”, ou então, esta será vista apenas do ponto de vista sexual (símbolo sexual), visão esta bastante propagada pela mídia; entre muitas outras características impregnadas culturalmente e socialmente atribuídas a elas como, por exemplo, sendo inferiores aos homens; se loiras, dotadas de pouca inteligência; mulher não sabe dirigir etc.

Tal fato não acontece apenas com as mulheres, mas com qualquer grupo de indivíduos que traga consigo marcas identificatórias cristalizadas de alguma forma pela sociedade como mostra Signorini (1998) ao exemplificar a surpresa demonstrada por uma dona de casa escolarizada de classe média, ao ouvir pela televisão um líder regional do Movimento dos Sem-Terra, louro de olhos claros, que respondia sem tropeços às perguntas que lhe foram feitas. A autora segue explicando que esta surpresa se deu por ter sido realçado a não congruência do tipo mostrado em relação aos padrões identificatórios construídos para a categoria e

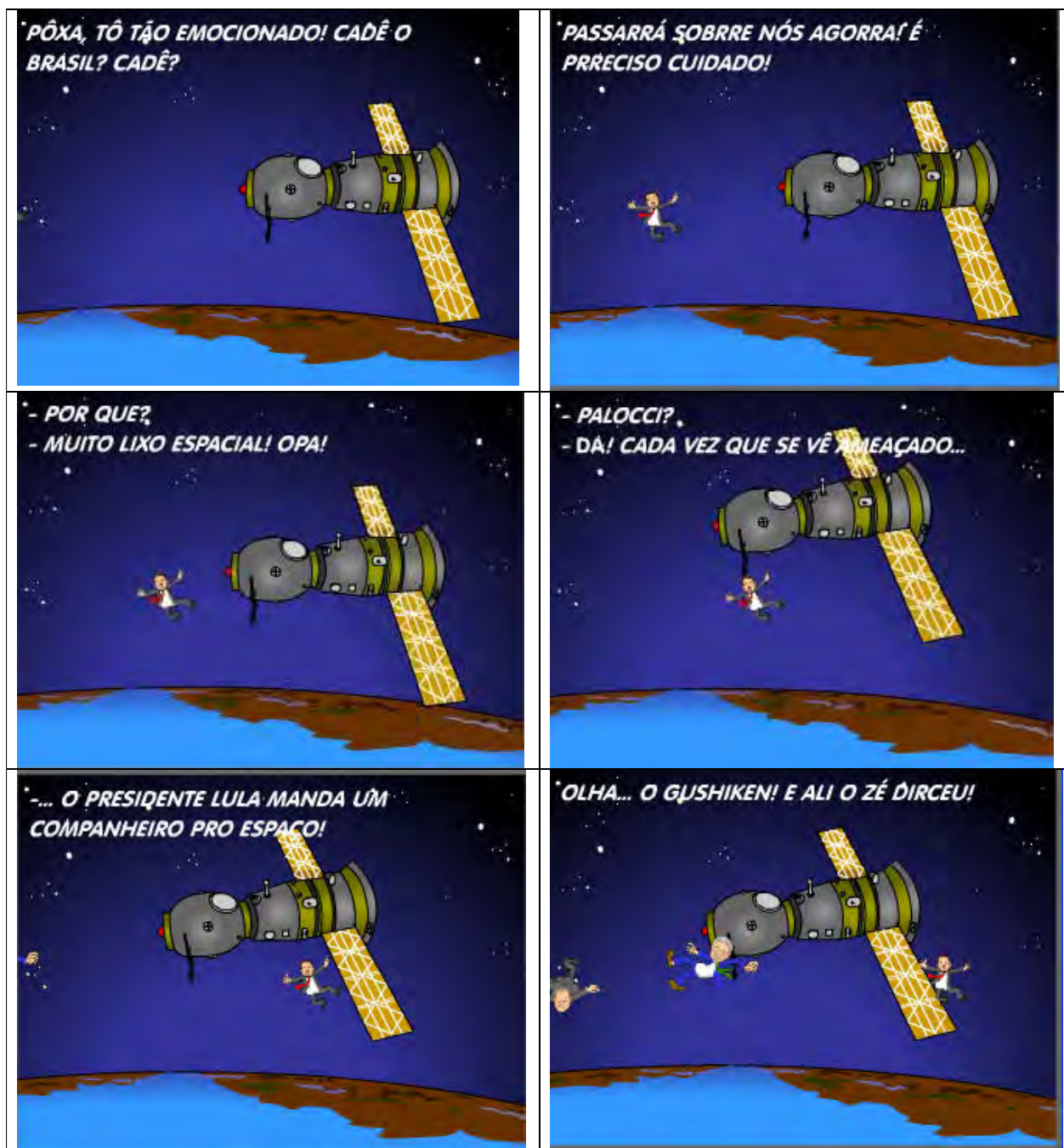
conseqüente suspeita de falta de legitimidade de sua posição de representante e de falta de validade de suas ações. Dessa maneira, podemos observar o quanto os estereótipos sociais influenciam na construção de identidades por parte da sociedade.

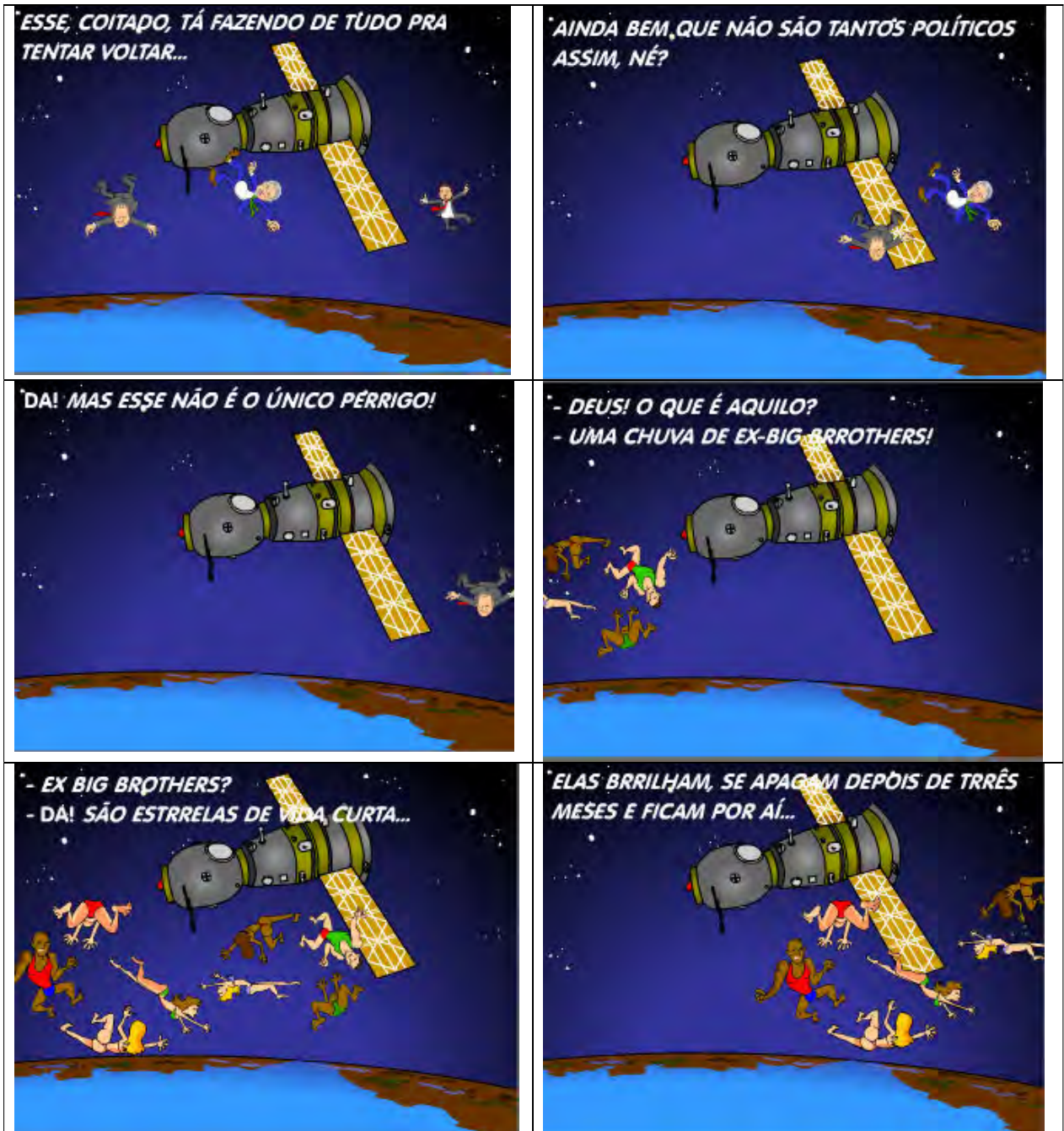
Pereira (2002:107), ao mencionar a teoria das identidades sociais, explana o compartilhamento das normas como um processo social que leva a uma conformidade às normas sociais; portanto, tal teoria está diretamente relacionada ao fato de “categorizar as pessoas, definindo-as como membros de uma dada categoria, aprender as normas estereotipadas aplicáveis àquela categoria e assimilar e aplicar as normas a si mesmo e aos outros”.

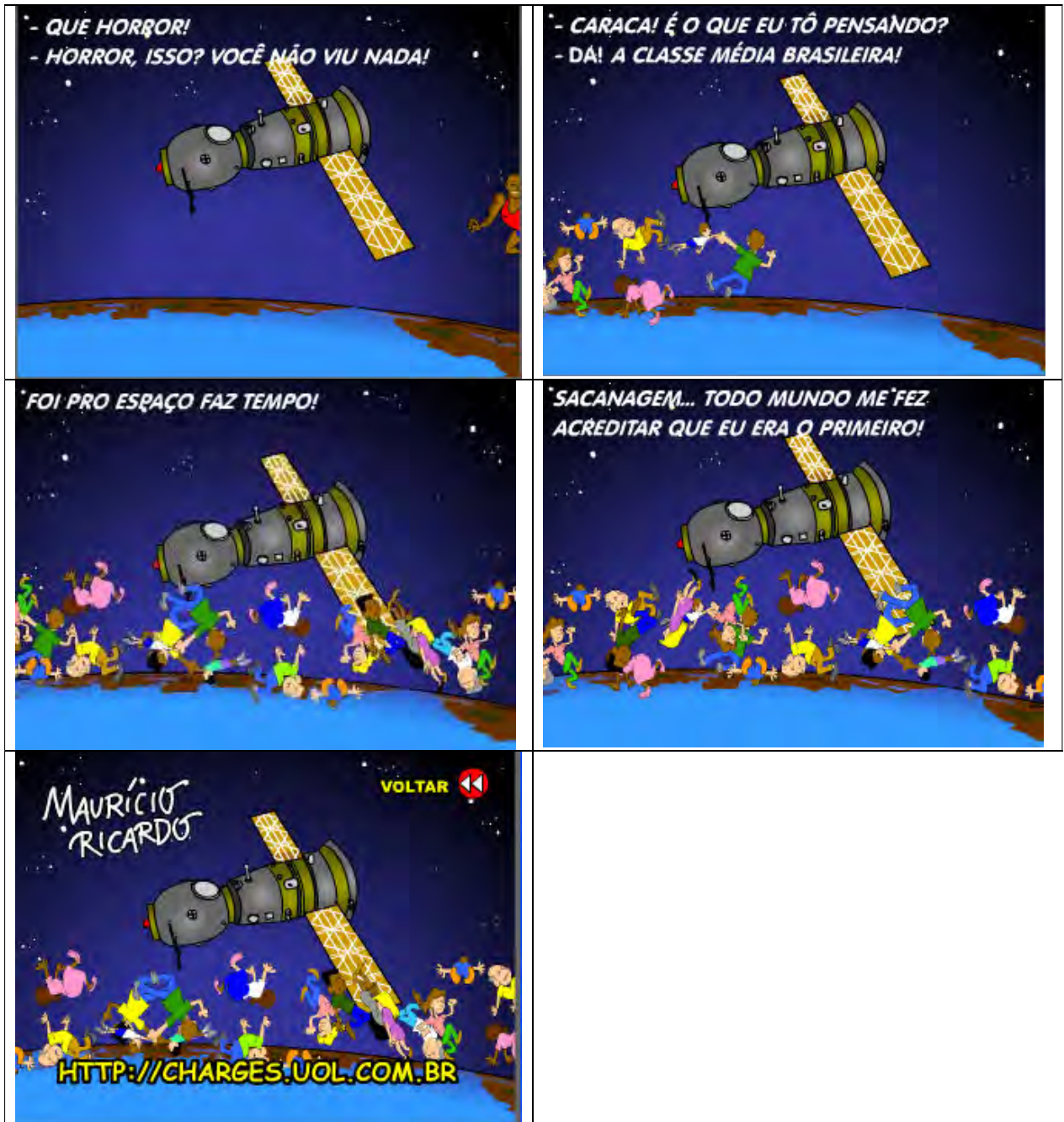
Nossa identidade é convencionada pelo nosso “eu”, pelos outros “eus” que habitam em nós e pelos “eus” exteriores que, de alguma forma, exercem poder sobre nós. Vale ressaltar as palavras de Davis e Harré (1999:46), citadas por Dutra (2002): “[...] quem uma pessoa é, é sempre uma pergunta aberta com uma resposta mutável dependendo das posições disponíveis a elas dentro de suas práticas discursivas e das práticas discursivas dos outros”. A seguir, analisaremos, com base na ACD, algumas CVs para mostrar como esse gênero utiliza-se de estereótipos para construir identidades que viabilizam a crítica social, por meio do humor.

EXEMPLO 15 – 2006, um brasileiro no espaço









(www.charges.com.br/2006)

Percebemos, na charge em questão, uma crítica a duas classes sociais brasileiras: a classe política e a classe média. Além dessas duas, a charge também critica um pequeno grupo de pessoas (*Big Brothers*) cujos membros, por sua vez, podem estar inseridos nas duas classes anteriores – tendo em vista que para

ingressar na carreira política não é exigida “uma formação profissional” - ou apenas na segunda (classe média). Para tanto, o chargista aproveita um fato que foi de grande repercussão na mídia durante toda a semana, no caso, a ida do primeiro astronauta brasileiro ao espaço, e cria um diálogo imaginário entre os astronautas brasileiro e russo. Este último é evidenciado pelo sotaque carregado de “erres”, que serve para demarcar sua nacionalidade.

Para compreender a crítica e, conseqüentemente, o humor da charge, o leitor precisa estar ciente do fato noticioso, bem como dos acontecimentos políticos e das programações televisivas, neste caso específico, o *Big Brother Brasil*. A partir daí, o autor constrói a identidade desses grupos através de estereótipos convencionados socialmente, já que, conforme explicita Pereira (2002), os estereótipos, a medida que são utilizados pelos indivíduos para lidar com um ambiente social heterogêneo, passam a ser vistos como processos comuns e deixam, dessa forma, de serem vistos como generalizações indevidas.

É quase impossível, que em um mundo tão diversificado social e culturalmente, não fossem estabelecidos rótulos para determinados grupos sociais, bem como é fato que tais rótulos são empregados por grupos que detêm um maior poder diante da hierarquia social ou grupos que não se identificam com outros grupos. Tajfel (*apud* Pereira, 2002), tomando como base a noção de categorização estabelecida por Allport (*apud* Pereira, 2002), sistematizou estratégias para diferenciar o próprio grupo (nós; o endogrupo; o *ingroup*) dos grupos externos (eles; o exogrupo; o *outgroup*). Basicamente, tal teoria relata que as pessoas pertencentes a um determinado grupo têm a tendência de favorecer o próprio grupo, bem como rejeitar os demais.

Desse modo, a charge acima põe em destaque alguns “pontos de vista” convencionados pela sociedade, atribuidores de características para os grupos de políticos, ex-Big Brothers e classe média, fazendo com que a identidade de tais grupos seja moldada e estabelecida socialmente através do compartilhamento de estereótipos e das relações de poder que determinados grupos sociais exercem sobre outros, como, por exemplo, a mídia, grande propagadora de conceitos pré-estabelecidos. Assim, concepções estigmatizadas como a de que “todo político é ladrão, corrupto e enganador” vai ser ainda mais reforçado pela mídia, que se

aproveita da crise política vivenciada pelo governo Lula e seus “seguidores”, para aumentar seu ibope.

A charge exibida, por ser um gênero midiático, também tira proveito de tal fato para ridicularizar os grupos “alvos”. Isto pode ser visto de forma bem demarcada através da expressão “lixo espacial”, para se referir a tais classes. Vale mencionar, que de forma sutil, o chargista traça o perfil dos políticos com a crise vivenciada por cada um no governo Lula (final de 2005/ início de 2006), como podemos ver através das comparações por ele feitas (Palloci – cada vez mais ameaçado; Dirceu – esse coitado, tá fazendo de tudo pra voltar), o que evidencia uma característica bastante forte da charge: a efemeridade, pois é preciso o leitor estar por dentro do contexto sócio-histórico propagado na charge, para compreender a crítica nela contida.

Além da classe dos políticos, dois outros grupos são destacados: os *ex-Big Brothers* e a classe média. Do mesmo modo que a classe política, os *ex-Big Brothers* também são identificados através de traços estereotipados: pessoas que querem ascender a uma carreira artística, porém, são desprovidos de talentos; dotados de pouca cultura; fúteis etc, como mostra o trecho da charge que os compara com “estrelas de pouco brilho, de vida curta e que após três meses (a duração do programa exibido na TV) se apaga”. Tais características são reforçadas, pelo fato de o programa ter tido seis exibições e, apenas uma pequena parcela ter conseguido “brilhar” um pouco mais, ou seja, ter alcançado um espaço na mídia.

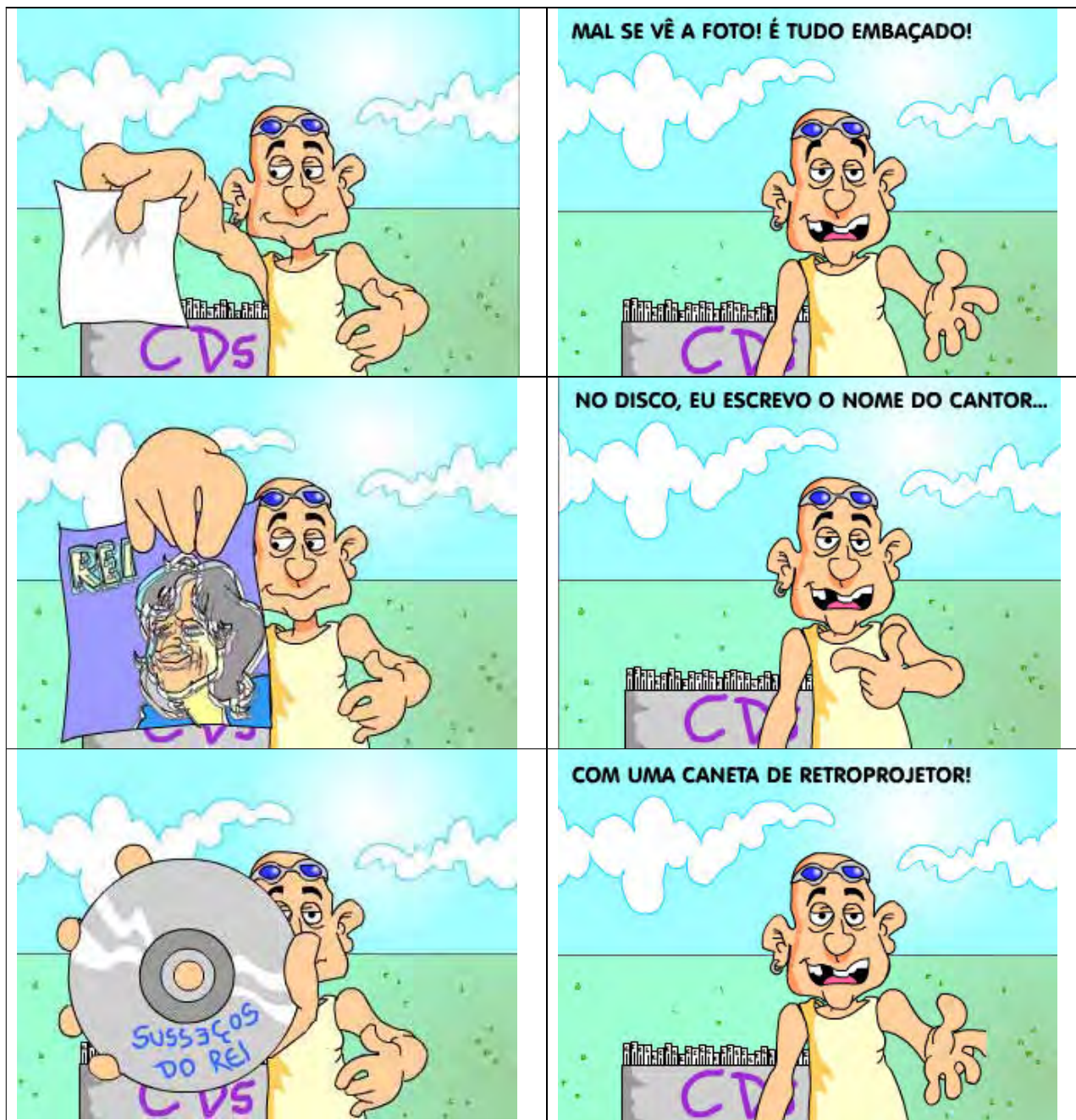
No tocante a classe média, esta, que já teve seus “dias de glória”, hoje, encontra-se a mercê pela falta de emprego, pela grande competitividade no mercado de trabalho, e pela desigualdade social, geradora de violência. Dessa forma, o chargista de maneira crítica e fazendo uso de um humor sarcástico, afirma que “esta já foi para o espaço há muito tempo”, mostrando o descrédito que a classe vem sofrendo. Também, os representantes desta classe são mostrados, em sua maioria, com trajes cor de rosa, em se tratando do público feminino, representando, de certa forma, a burguesia; visto que para esta cor é atribuída a idéia do termo “patricinha”, que indica que mulheres que se vestem de “rosa” são mais consumistas, andam sempre com as roupas combinando com os acessórios (como é evidenciado na CV em questão, visto que os sapatos das personagens femininas são rosas assim como suas vestes).

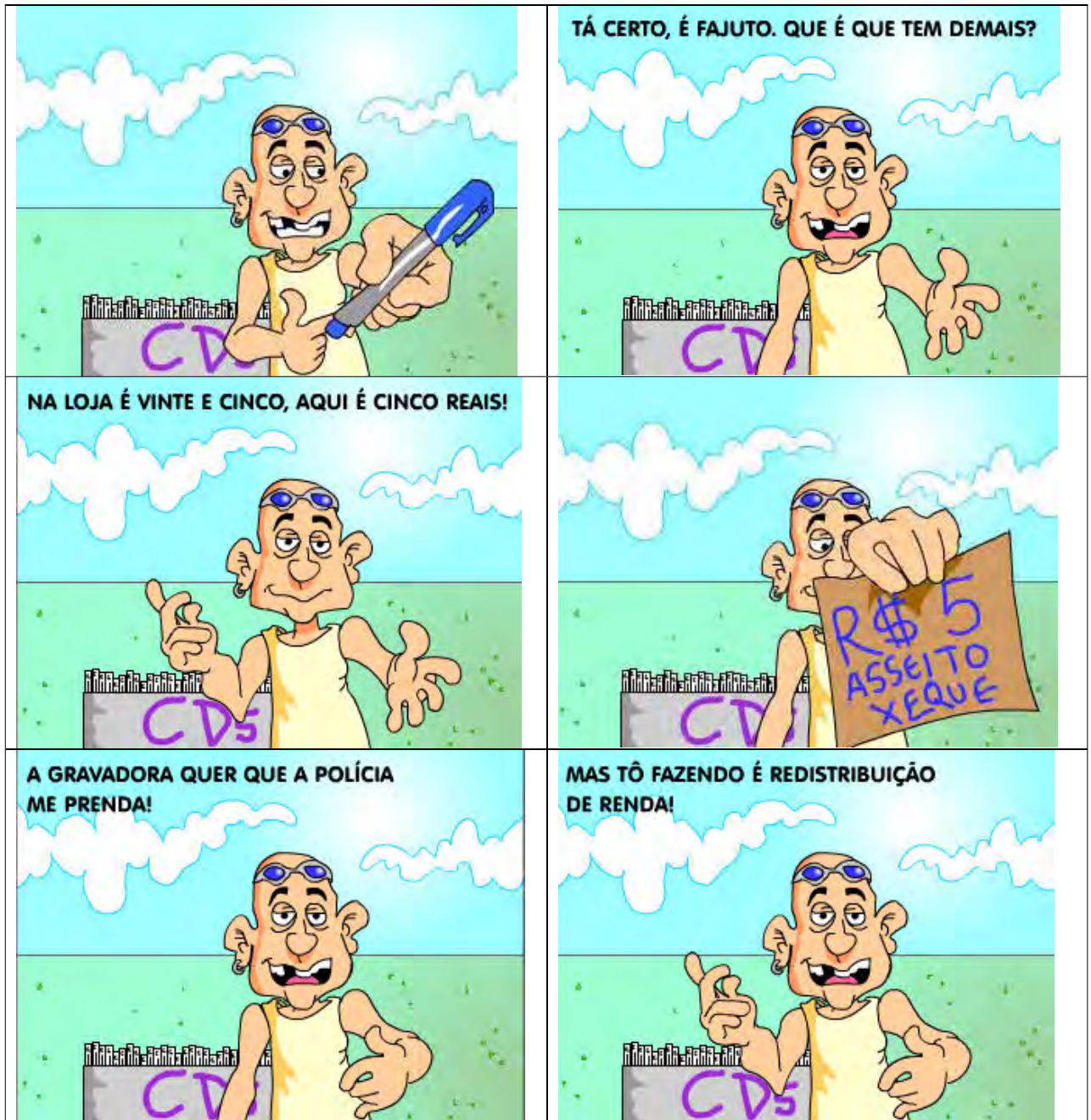
Vale ressaltar, que alguns termos apresentados na charge, também servem para mostrar atributos depreciativos dos grupos sociais em questão, como, na expressão “**chuva** de ex-Big Brothers”, em que o chargista evidencia a grande quantidade de participantes do programa que foram esquecidos e estão “por aí”, sem fama e no anonimato. Já na frase “o presidente Lula manda um **companheiro** pro espaço”, além de mostrar um termo característico do discurso de Lula ao se referir aos partidários do PT e àqueles que o apóiam, de uma maneira geral, o autor alude aos políticos que tiveram seus cargos cassados; também mostra, nas entrelinhas, a falta de sinceridade na relação entre os “companheiros”, que só visam ao poder. Fairclough (2001) atenta para o fato de o discurso ser moldado pela ideologia, bem como seus efeitos construtivos sobre as identidades sociais, relações sociais.

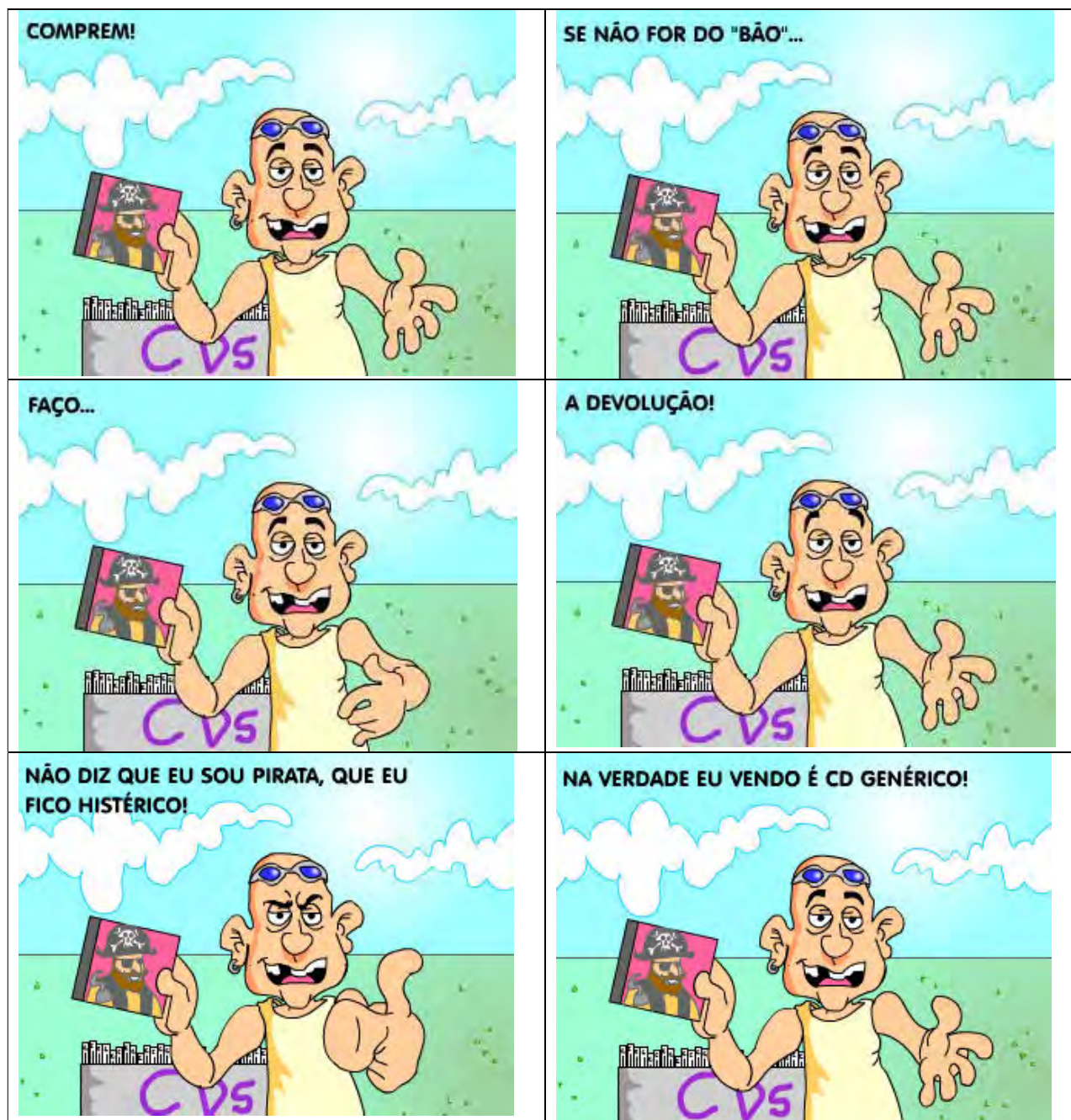
Pereira (2005) faz uma reflexão sobre a forma como recebemos os fatos ocorrentes no mundo e como eles são relatados pelos meios de comunicação, afirmando ser tais relatos “impregnados de valores e estereótipos resultantes da cultura e das versões de quem os propaga. Relatos que selecionam fatos e pessoas com base em critérios pessoais, técnico-profissionais, de interesse do poder dominante e outros mais”. Desse modo, segue abaixo um exemplo de CV que traz como temática a “profissão” de ambulante e, como essa profissão se constitui.

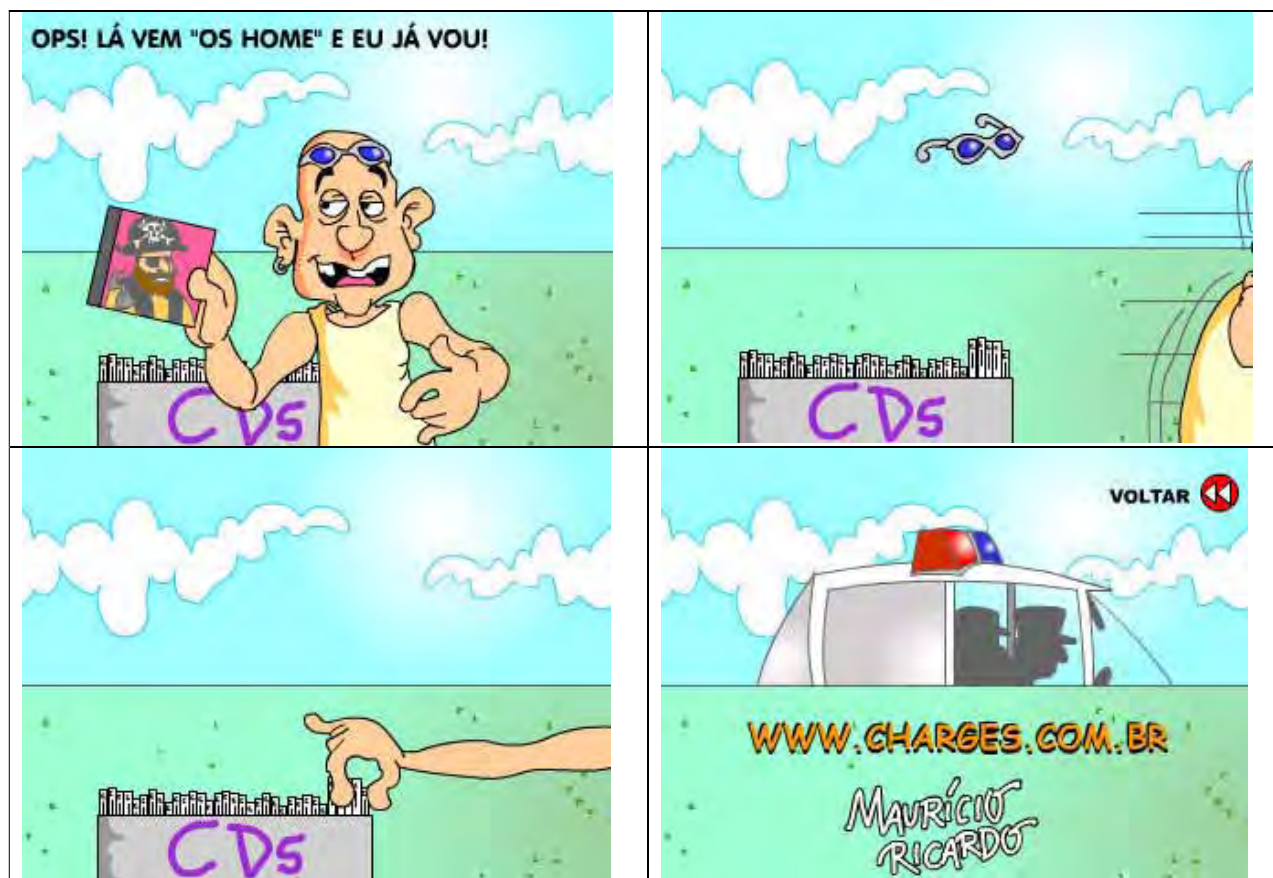
EXEMPLO 16 – Camelô canta: “Radio pirata”











(www.charges.com.br/2002)

No primeiro quadro, tem-se o título da charge e, em seguida, o autor faz um breve comentário acerca do assunto que a charge trata (venda de cd's pirata) e deixa claro aos leitores a sua não aceitação em relação à pirataria. Ainda no primeiro quadro, verifica-se um ícone (Play) no qual é necessário que o leitor clique para dar início a charge. A partir daí, iniciam-se os episódios da (CV), que faz uma crítica bem humorada à pirataria, utilizando a paródia da música "Rádio Pirata" do grupo de rock nacional RPM.

O autor faz uso de algumas características para retratar um vendedor ambulante, ou, como ele mesmo classifica, um "camelô"; dentre as quais estão o uso de um brinco, óculos escuro (já que a maioria dos ambulantes trabalham expostos ao sol), camiseta (comprovando o despojamento em relação ao local de trabalho, pois não há exigência do uso de um fardamento para o exercício desse tipo de profissão), e, por último, uma característica bastante relevante: a ausência de um

dente. Esta última, ao contrário das anteriores, não servirá apenas para marcar a identidade de um vendedor ambulante, mas também para indicar a classe social a que ele pertence, bem como o seu grau de instrução; pois parece haver uma maior incidência de desdentados nas pessoas de baixa renda e de pouca instrução; além disso, o gênero, por trabalhar com caricatura, sugere este tipo de leitura. Hoffnagel (1999) mostra que a identidade de um indivíduo particular será composta por múltiplos elementos ou atributos que emergem na interação social e que este indivíduo pode agir atribuindo maior ênfase por ser jovem, ou por ser feminino ou ainda por pertencer à classe média e assim por diante. Tais características são fundamentais para exibir o estereótipo (do ponto de vista social) de um vendedor ambulante, já que, assim como postula Vilela (2002) estereótipo está relacionado à noção de imagem e representação, à conceito e categorização, a preconceito, juízo e pré-juízo.

Além das características que estão estereotipadas na fisionomia da personagem, o discurso empregado pelo “camelô” revela alguns elementos do ponto de vista lingüístico em que se pode atribuir marcas identificadoras para construção de identidade. Por exemplo, a utilização de uma linguagem com gírias próprias de um determinado grupo (“os home”) para se referir a outro grupo, no caso, os policiais. Fairclough (2001) diz que a prática discursiva contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como ela é, mas também para transformá-la. Ou seja, ao fazer uso de tais expressões, a personagem explicita sua profissão, porém, em um outro contexto, outras expressões poderiam ser utilizadas mostrando outras características que definissem outro papel social exercido por ela na sociedade. De acordo com Gee (2001: 99)

todo discurso provém de alguém que tem suas marcas identitárias específicas que o localizam na vida social e que o posicionam no discurso de um modo singular assim como seus interlocutores. Dessa forma, “quando qualquer ser humano age e interage em um dado contexto, outros reconhecem aquela pessoa como agindo e interagindo como um ‘certo tipo de pessoa’ ou mesmo como diversos ‘tipos’ diferentes ao mesmo tempo.

Vale ressaltar que os desvios lingüísticos encontrados na charge, que transgridem com as prescrições estabelecidas pela norma de prestígio (“susseços”, “asseito xeque”, “bão”, “os home”) servem ainda mais para sinalizar a identidade da personagem: pouco letrado do ponto de vista lingüístico, negociador etc. Dutra (2003:217) ao tratar dos pressupostos teóricos de Kleiman, revela o quanto as práticas de letramento estão envolvidas na construção de identidades e afirma que

Práticas de letramento seriam, desse modo, práticas sociais marcadas social e culturalmente, nas quais a leitura e a escrita se constituem como formas de construir “conceitos, relações sociais, identidades, valores e crença”. Nessas práticas, portanto, as pessoas constroem e reconstroem a si próprias e aos outros. Desse modo, a leitura é então compreendida também a partir de uma perspectiva social e como constitutiva de relações de identidades sociais.

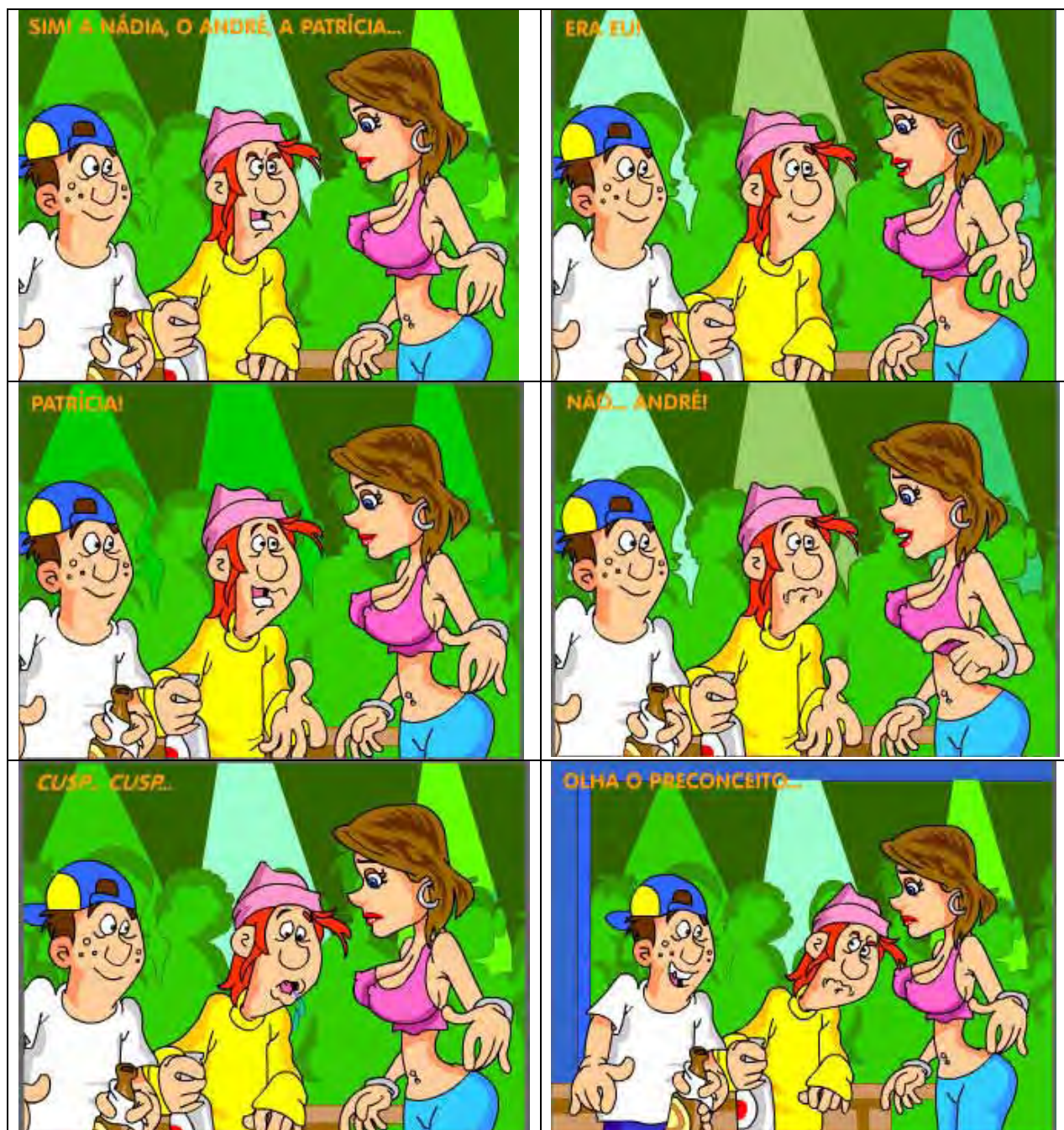
Outra característica do ponto de vista lingüístico também sinalizadora de traços identitários está nos termos e nas expressões utilizadas pela personagem, como “a capinha só é impressa de um lado”, “no disco eu escrevo o nome do cantor”, “caneta de retroprojeter”, “a gravadora quer que a polícia me prenda”, “não diz que eu sou pirata”, “cd genérico” etc., que são próprias da função por ela exercida: vendedor de cd’s piratas. Dubar (2005) aponta para o fato de cada indivíduo ser identificado por outrem, e, para tanto, esta identificação irá se utilizar de categorias socialmente disponíveis (designações oficiais de Estado, denominações étnicas, regionais, profissionais etc.). Segue abaixo um exemplo de como a identificação, por parte do outro, muda a concepção de indivíduo, ou seja, a sua construção identitária, a partir de sua identidade de gênero.

EXEMPLO 17 – Gata Turbinada











(www.charges.com.br/2006)

A charge mostra duas personagens que são constantes na produção do chargista (Espinha e Fimose). Elas representam o universo dos adolescentes, assim, geralmente, o desenrolar de suas histórias terá como cenário *boates*, mulheres, computadores, carros, outros adolescentes etc. Nesse exemplo, o diálogo entre as personagens se dá em uma *boate*, fato que pode ser inferido como base em alguns elementos não-verbais formadores desse contexto, como várias pessoas, provavelmente dançando; canhões de luzes, de vários tipo e cores; bebida alcoólica, etc.

A caracterização das personagens adolescentes inicia-se por seus apelidos (Espinha e Fimose), visto que, em algumas pessoas, na puberdade, é comum o aparecimento de acne; e, em se tratando do sexo masculino, muitos jovens necessitam realizar um procedimento cirúrgico, chamado fimose. Além de seus apelidos, as vestes (boné, camiseta, touca) e a utilização de algumas expressões “demais, né?”; “pagando mico”; “a mina”; “turbinada”; “e aí?” utilizadas pelas personagens, servem como construtos da identidade dos adolescentes da atualidade, tendo em vista que as expressões, as vestes, os costumes variam a cada geração. Portinari e Coutinho (2006) concebem a moda como uma linguagem que é cuidadosamente construída e que não se limita apenas no vestuário e acessórios, mas abrange todo o corpo: anatomia, gestos, voz, entonação, olhar, postura, andar, cabelos e tudo que compõem a imagem pessoal. No caso específico das personagens Espinha e Fimose, o visual por elas adotado revela um certo

“despojamento”, através de acessórios básicos que norteiam o universo “masculino” adolescente, tendo em vista que o chargista atribui a essas personagens, apesar de toda a “inocência” que permeia suas mentes adolescentes, traços “viris”. As personagens estão sempre à procura de uma relação afetiva com o sexo oposto, o que, geralmente, tem um desfecho desagradável, pois as mesmas além de possuírem um físico que foge da estrutura convencionada pelos parâmetros de beleza impostos pela mídia, possuem poucos dotes intelectuais e um baixo poder aquisitivo, características fundamentais, na visão propagada pelas CVs, para o despertar do interesse do público feminino em relação ao sexo oposto. Nolasco (2001:78) mostra que a representação masculina de “ser homem” é marcada por intermédio de indicadores de desempenho que remetem à força física, sexualidade incontrolada, homofobia, sucesso financeiro e prestígio social e que tais indicadores conferem identidade aos indivíduos.

A crítica abordada na charge pode ser percebida em três momentos: o primeiro está relacionado à diferença de estatura entre a personagem Fimose e sua “pretendente”, visto que esta é mais alta que ele e desperta na personagem Espinha um certo estranhamento, que pode ser comprovado em sua fala: “- Tá pagando mico! A mina é bem mais alta que você!”. A expressão “pagar mico”, bastante utilizada nos discursos dos adolescentes pode ser interpretada como “passar por um vexame”, “passar vergonha”. Provavelmente, na concepção de Espinha, que talvez não seja tão diferente da de seu amigo Fimose, o homem precisa ser mais alto que a mulher, até como forma de demonstrar uma maior “virilidade”, “poder”, “domínio”; no entanto, como é muito difícil para ambos conseguirem se relacionar com alguém do sexo oposto, Fimose repreende Espinha: “- Olha o preconceito!”. Goldenberg (2006: 27-28) revela que boa parte das pessoas do sexo masculino, com uma maior incidência entre os adolescentes, tem uma preocupação extrema com o tamanho do pênis, a altura, a força física e o desempenho sexual, como forma de demarcar a virilidade tão cobrada pela sociedade ao sexo masculino. Tais preocupações, muitas vezes, acarretam para esses indivíduos danos físicos e psicológicos, já que muitos, para alcançarem o tão sonhado “porte físico”, fazem uso de anabolizantes bovinos para que o corpo cresça e fique robusto.

Vale ressaltar, que a aceitação da diferença de estatura aceita por Fimose, só se devido à “mulher” ser dotada de atributos físicos designados como “ideais” para o universo feminino, no que diz respeito aos meios midiáticos: seios volumosos, cabelos lisos, quadris largos, cintura fina, magra, roupas da “moda” (calça de cós baixo - que deixa a mostra sua barriga em forma, mini-blusa), acessórios que demarcam sua feminilidade (*piercing* no umbigo, pulseiras, maquilagem) etc. Além disso, o “ser homem” convencionado pela estrutura patriarcal vigente na sociedade, exige do sexo masculino, uma postura “diferente” da exigida às mulheres. Agir como “homem”, para muitos, está diretamente relacionado a obter o maior número de relações sexuais com mulheres que estejam “disponíveis”, ou seja, como é difundido culturalmente, “mulheres fáceis”, visto que, no caso das mulheres, quanto maior for o número de parceiros, confere a estas o estereótipo de “mulher da vida”. Bamberg (2002: 160-174) avaliou uma entrevista realizada entre um moderador (adulto) e cinco adolescentes com idade de 15 anos. O ápice da discussão se deu em torno de uma garota que havia tido sua primeira relação sexual e, segundo os entrevistados, já tinha ido para “cama” com vários meninos. Segundo os adolescentes, a garota tinha o intuito de “chamar a atenção”, ou melhor, eles afirmam que ela necessitava de atenção e que não ligava para a forma como era (pré)concebida pelos demais colegas, no caso, “puta”. Para os garotos, não cabe a uma menina/mulher manter relações sexuais com vários meninos/homens. Essa concepção, por mais que as mulheres tentem quebrá-la, pois é fato que na luta por igualdade de direitos, o público feminino adquiriu grandes avanços em relação a sua emancipação sexual, faz parte de um trajeto histórico e socialmente construído que, para “ser uma boa mulher”, esta precisa ser submissa, fiel, casta (se possível), viver em função da família (marido, filhos e casa) etc.

O segundo momento, em que a crítica se faz presente, diz respeito aos padrões de beleza física imposto para a mulher da atualidade. Hoje, a mulher precisa ser bela, mesmo que essa “beleza” seja artificial. Porém, o padrão ideal de beleza difundido pela imprensa, requer um corpo longilíneo, com curvas bem definidas, seios fartos, que realcem as vestes assinadas pelos estilistas famosos, porque para ser “bela”, é preciso, antes de tudo, de uma boa renda, para gastar em salões de beleza, clínicas de estética, cirurgias plásticas, academias de ginástica e

roupas e acessórios de grife. Leite (1995:79) afirma que esse novo padrão de beleza é divulgado pelos meios de comunicação, por questões econômicas – comprar “beleza” é algo bastante rentável. O autor faz uma crítica em relação à escravidão a qual o ser humano tem sido sujeito na atualidade, em que nos tornamos escravos de nosso corpo, tendo em vista que, na grande maioria das vezes, o que gastamos para alcançarmos a tão sonhada “beleza” física tem como retorno o fracasso e, conseqüentemente, a perda de mais dinheiro, pois os produtos cosméticos não evitam o envelhecimento, tendo em vista que boa parte das pessoas que se submetem a regimes e cirurgias de emagrecimento voltam a engordar etc. A charge explicita que a beleza artificial almejada pelas mulheres é, de fato, tão artificial, que até alguém do sexo masculino consegue obter esse padrão.

O terceiro ponto em que culmina a crítica aborda o homossexualismo. Apesar dos grupos homossexuais terem ganhado espaço social, através de lutas travadas com o preconceito estabelecido pela sociedade, ainda hoje, sofrem grandes preconceitos. Castells (2002: 238) afirma que “o patriarcalismo exige heterossexualidade compulsória”. A repressão ao homossexualismo foi e ainda é seletivo aos olhos da sociedade, que tem, como norma fundante pelo patriarcalismo, um ideal de vida que gira em torno da família, cabendo para aqueles que sentem desejo por alguém do mesmo sexo, “os becos escuros da sociedade”. (Castells 2002:239). De acordo com Foucault (Foucault, 2002 apud Castells), “a sexualidade é construída socialmente. A regulamentação do desejo está subordinada às instituições sociais, canalizando assim a transgressão e organizando a dominação”. A personagem Fimose, ao perceber que a “bela mulher” estava interessada por ele, fica exultante pela fartura dos seios que se dispunham em frente aos seus olhos. Quando a “garota” afirma que os seios não são naturais, mas foram “turbinados” com silicone, Fimose se mostra “compreensivo” e diz não ter nenhum preconceito com quem muda algo no corpo devido a alguma insatisfação. Porém, quando, finalmente, ele consegue conquistar o seu alvo, que o beija e o deixa literalmente “babando”, toda a magia que o embriagava se desconstrói através da descoberta de que a “bela mulher” que acabara de beijá-lo, na verdade, era um antigo conhecido que havia estudado com ele na 4ª série do primário. Desse modo, Fimose passa a

sentir-se enojado e, imediatamente, começa a cuspir, o que demonstra sua indignação, em forma de “nojo”, por ter beijado alguém do mesmo sexo.

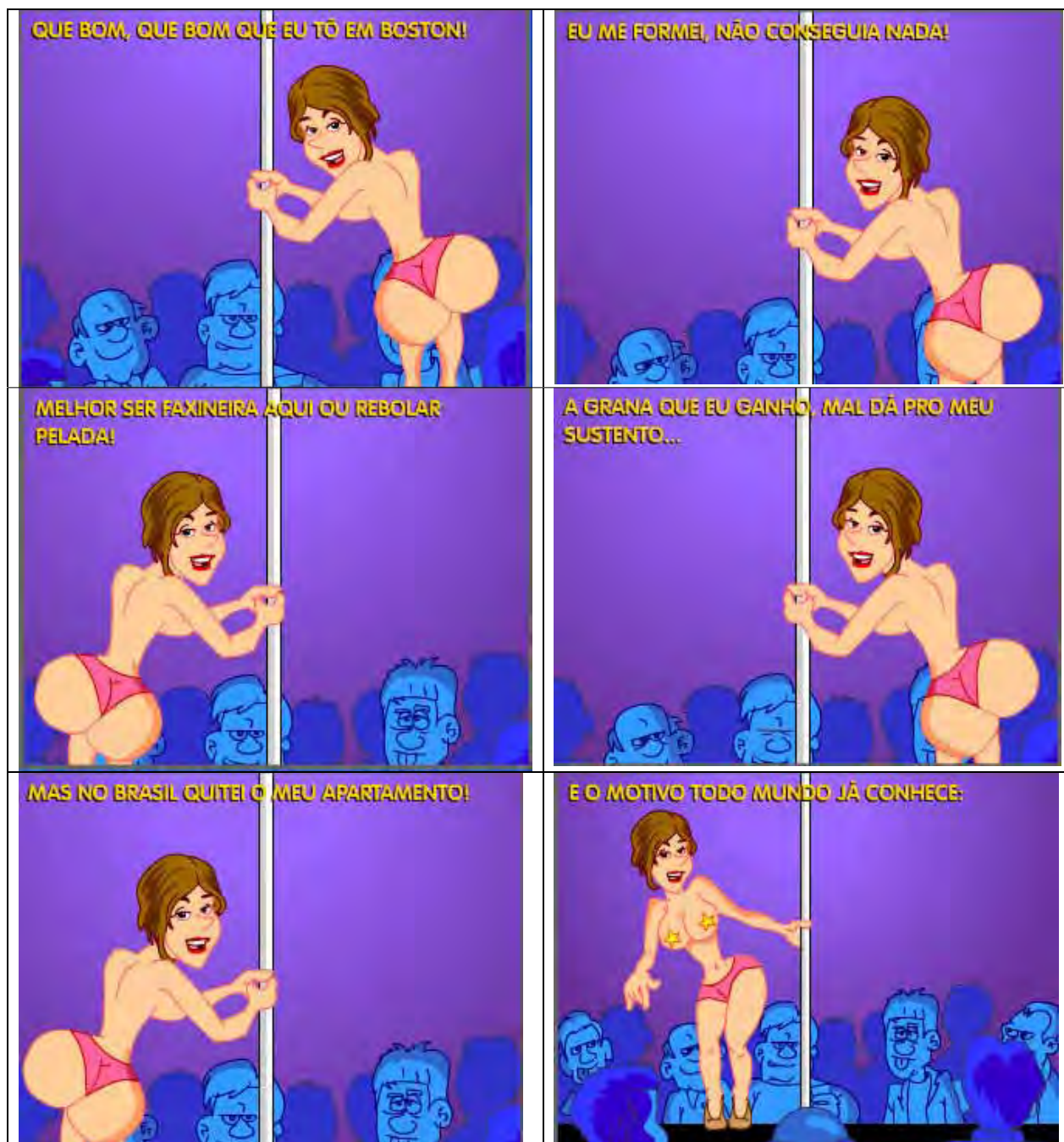
O preconceito em relação aos homossexuais será reforçado no final da charge através da afirmação irônica que seu amigo Espinha relata: “- Olha o preconceito!”, expressão utilizada por Fimose no início da charge, quando o seu amigo mostra discordância em ter um envolvimento com uma mulher que possua uma maior estatura. Castells (2002:56) alerta para o fato de os movimentos lésbico e gay não serem

simples movimentos em defesa do direito humano básico de escolher a quem amar. São também expressões poderosas de identidade sexual e, portanto, de liberação sexual. Esses movimentos desafiam algumas das estruturas milenares sobre as quais as sociedades foram historicamente construídas: repressão sexual e heterossexualidade compulsória.

Dessa forma, movimentos como lésbico e gay, negros, feminista etc., vêm como forma de romper convenções cristalizadas na estrutura social. No tocante às mulheres, apesar de terem conquistado um patamar mais elevado diante da hierarquia social, antes, só merecida aos homens, ainda são apresentadas nas CVs com imagens estereotipadas que propagam uma visão reducionista do ser mulher: donas de casa, mães, , símbolo sexual – se novas – como ilustram os exemplos abaixo:

EXEMPLO 18 – Fragmento de “Brasileira go-go-girl nos EUA: ‘Xibom Bobom’”







(www.charges.com.br/2002)

Na charge em questão, a mulher brasileira, mesmo tendo um curso superior, ganha seu sustento através da exibição de seu corpo. O autor não explicita se a personagem é apenas uma dançarina de uma casa noturna destinada ao público masculino ou, se, além disso, ela também se relaciona intimamente com o público freqüentador do estabelecimento. As características físicas mais marcantes da personagem estão na largura de seu quadril, no tamanho de suas nádegas e em sua cintura extremamente fina, o que evidencia ainda mais a largura de seu quadril. Podemos dizer, que tais características são postas em destaque por dois motivos: o primeiro, pelo perfil da mulher brasileira, visto que esta é conhecida por ter nádegas fartas e o segundo, por ser uma mulher que tem como profissão dançar nua na noite, para atrair a atenção dos homens, que, por sua vez, procuram esse tipo de "lazer", para satisfazer seu apetite *voyeur*. Giddens (2002: 95) afirma ser o corpo um objeto no qual temos, ou não, o privilégio de nele viver, pois é através de nosso

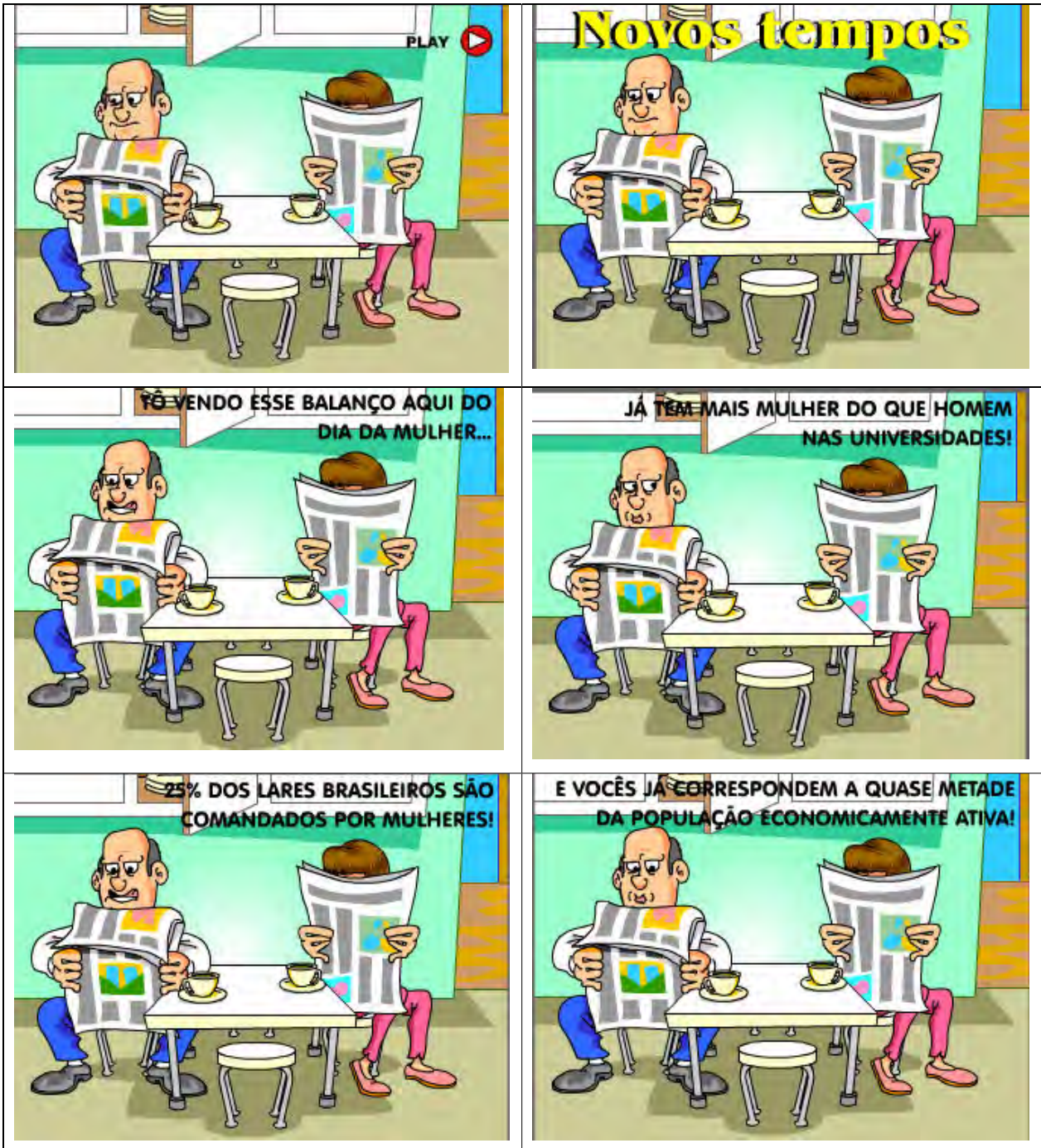
corpo que temos as sensações de bem-estar, de prazer, de doenças e de tensões. O pesquisador acrescenta, ainda, que

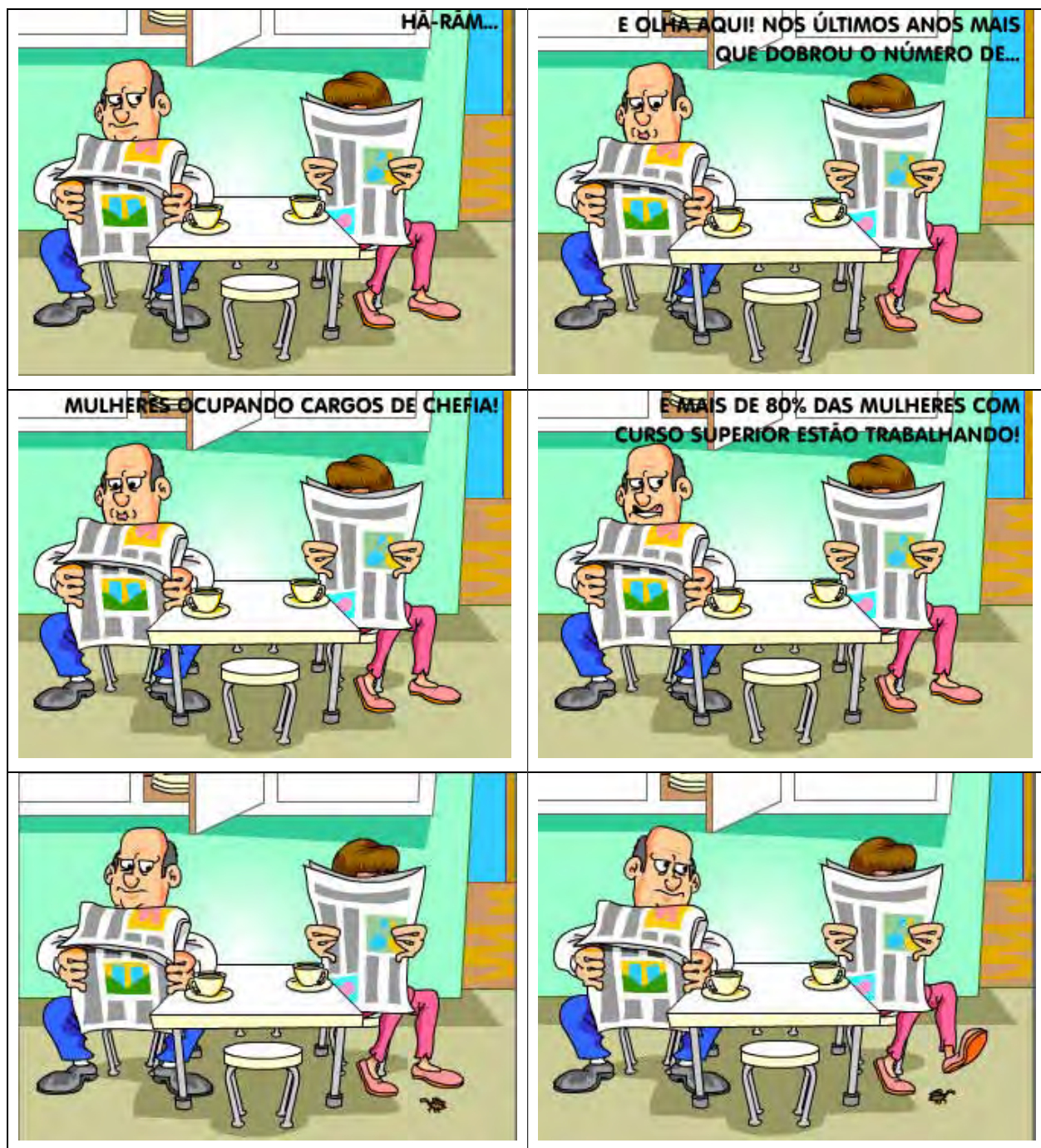
o corpo não é só uma entidade física que “possuímos”, é um sistema da ação, um modo de práxis, e sua imersão prática nas interações da vida cotidiana é uma parte essencial da manutenção de um sentido coerente de auto-identidade.

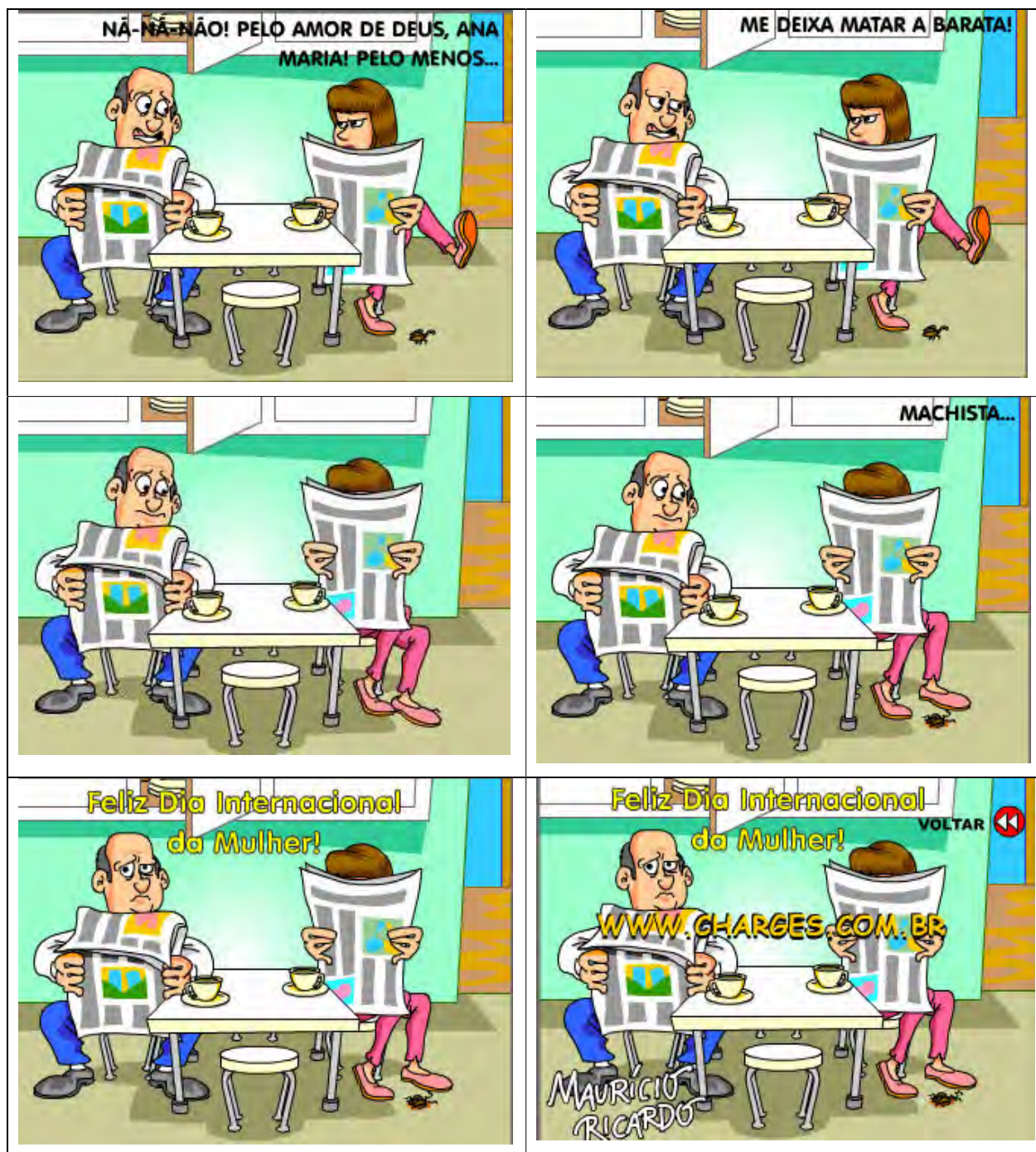
A charge também aponta para um outro fato social importante, que atinge não só o público feminino, mas a população "jovem" de uma maneira geral: a busca de oportunidades de emprego em países estrangeiros. Esse fato é evidenciado pela crise econômica em que se encontra o Brasil. Muitos jovens, mesmo depois de conquistarem o término de um curso superior, não conseguem emprego ou por falta de experiência ou por não terem um poderoso "conhecido" que possa dar uma "mãozinha" ou pela grande competitividade que ocasiona a escassez de vagas empregatícias. Vale lembrar, que, mesmo aqueles que alcançam um espaço no mercado de trabalho, às vezes, o salário que ganham, tendo como parâmetro o tempo de dedicação aos estudos, bem como as horas que despendem em seus empregos, mal dá para conseguirem sobreviver numa sociedade altamente capitalista e consumista. Desse modo, muitos buscam como solução morar fora do país (mesmo clandestinamente e subempregados), para conseguirem, ao menos, juntar algum dinheiro, já que, a moeda estrangeira, dependendo do país, é mais forte que a brasileira, e conquistar algum bem material (apartamento, casa, veículo etc).

No que diz respeito ao público feminino, as CVs pouco divulgam a mulher no mercado de trabalho e, quando isso acontece, boa parte mostra a mulher inserida na profissão de professora, talvez, por ser uma profissão que remeta à maternidade, tendo em vista que, principalmente na atualidade, a escola é a extensão do lar e cabe ao professor ser, antes de tudo, um educador. Poucas CVs destacam os vários papéis sociais vivenciados pelas mulheres e, quando isso ocorre, é para render homenagens ao “Dia Internacional das Mulheres”, como mostra o exemplo que segue:

EXEMPLO 19 – *Novos tempos*







(www.charges.com.br/2006)

O exemplo 15 retrata a mulher "moderna", isto é, a mulher que estuda, trabalha, se sustenta, exerce cargos de chefia (antes destinados apenas aos homens), comanda o lar, ler jornal e, ainda por cima, não tem medo de barata! A

personagem masculina que verifica tais constatações através de indicadores percentuais de um jornal, se vê frustrada, "impotente" diante da esposa, que não precisa dele nem para executar uma barata (inseto causador de pânico para muitas mulheres). Fugisawa (2006: 48) aponta para o fato de as mulheres de hoje buscarem por uma maior escolaridade, profissionalização, conhecimento, informação e equilíbrio entre a vida profissional e a vida pessoal. No entanto, o chargista só destaca o perfil da mulher versátil, para prestar uma homenagem ao dia consagrado para as mulheres, como podemos ver nos dois últimos quadros da charge.

Em se tratando dos atributos físicos femininos, o chargista, geralmente, utiliza o seguinte critério: mulheres jovens possuem seios fartos e empinados, cintura fina, roupas sensuais etc. Porém, se a mulher for representada como "dona de casa", casada, mais velha, suas vestes são mais recatadas, compostas; os seios não tão empinados e a silhueta mais volumosa, como mostram os fragmentos das CVs a seguir:

EXEMPLO 20 – Fragmento de *De olho na aula*



(www.charges.com.br/2006)

EXEMPLO 21 – Fragmento de *Conflito de Gerações*



(www.charges.com.br/2006)

EXEMPLO 22 – Fragmento de *Mães cantam: "Tema da Vitória da F1"*



(www.charges.com.br/2003)

Os exemplos acima revelam o quanto a visão difundida das mulheres, nas CVs, é reducionista. Mulheres “fisicamente atraentes” são, provavelmente jovens, solteiras e sem filhos. Giddens (2002:62) afirma que “em todas as culturas, a roupa é muito mais que um simples meio de proteção do corpo – é manifestamente um meio de exibição simbólica, um modo de forma exterior às narrativas de auto-identidade”. Dessa forma, a utilização de roupas “ousadas” não cabe para as mais velhas, que são retratadas com dotes físicos menos “atraentes”. Um outro exemplo que mostra o quanto a nossa roupa revela a nossa identidade é exibido abaixo:

EXEMPLO 23 – Breve numa escola em Sampa...









(www.charges.com.br/2006)

Este exemplo nos revela o quanto os atributos físicos, a aparência dos indivíduos, são determinantes para inclusão/exclusão destes, no âmbito social. O fato de a rede municipal de ensino "doar" o fardamento às crianças através da

"ajuda" de patrocinadores e, conseqüentemente, desses patrocínios, terem suas logomarcas estampadas nos fardamentos, expõe os alunos à condição de "folders", "panfletos", "outdoors" ambulantes. Assim, a condição de "meio físico divulgador" das marcas patrocinadoras da qual os usuários do fardamento estão sujeitos, faz destes "modelos", que precisam "adequar" a sua aparência aos produtos que estão sendo por eles divulgados. Vivemos em mundo de "aparências". Esse "modo" de vida vem sendo o grande responsável pela "escravidão" narcisista à qual estamos condenados. A obsessão por um "corpo perfeito" tem levado muitas mulheres a ficarem doentes, sofrendo de bulimia, anorexia, depressão etc. Giddens (2002:12-13) revela-nos que a modernidade da mesma forma que propiciou um mundo unificado, global - apesar de contraditório - também nos proporcionou um mundo, fragmentado, disperso, um mundo que produz diferença, exclusão e marginalização. Quem não tem a "beleza" convencionalizada pelos meios de comunicação vive à margem da sociedade: obesos, feios, deficientes, pobres etc. Ainda hoje, a aparência serve como pré-requisito para a obtenção de um espaço no mercado de trabalho, basta passarmos um dia no *Shopping* de alguma cidade brasileira, para percebermos o perfil da grande maioria dos funcionários dos estabelecimentos de venda (jovens, bem vestidos), afinal, para lidar com o público é preciso, antes de tudo, ter uma "boa" imagem. A imagem diz tudo.

Coelho (2002:69-70) explana que "objetos podem identificar indivíduos, grupos sociais e culturas. Para tanto, constituem-se em suportes ou unidades textuais". Dessa forma, os objetos refletem o seu possuidor a partir "dos sentidos levantados pela semântica do objeto". Assim, a charge (des)associa a imagem das personagens aos produtos que estas estão divulgando. A professora, ou melhor, a "tia" , como ela mesma se denomina, revela um discurso excludente. Seus alunos, Maiquecléverson, Suzileide e Reginosvaldo, que ganharam o uniforme que contém as marcas do sabão Momo (Omo), dos comprimidos para emagrecer Track 500 (Tack 500) e do Ruíndows (Windows), respectivamente, precisam devolver os uniformes, pois seus "perfis" não correspondem aos produtos que estão divulgando. Maiquecléverson (sabão Momo) vive sujinho, Suzileide (comprimidos para emagrecer Track 500) engordou 10 quilos e Reginosvaldo (Ruíndows) cheira cola e, portanto, vive travado. Interessante é a forma como o discurso desta última

personagem é construído. Na verdade, Reginosvaldo é o único que tem o perfil de seu produto (Ruindows|Windows). O chargista, através do trocadilho feito com o nome "**Ruindows**", para se referir ao programa de computação "Windows", faz uma crítica ao produto através da personagem Reginosvaldo. As personagens Maiquecléverson e Suzileide, apesar do constrangimento promovido pela professora, nada dizem quando a docente anuncia que eles precisam devolver o uniforme, assim, a única coisa que fazem é chorar, tendo em vista que, a grande maioria das crianças que estudam na rede municipal de ensino, pertencem a classe economicamente desprovida e não têm condições de comprar roupas para irem à escola. Porém, no momento em que a professora questiona Reginosvaldo pelo fato deste cheirar cola e, por conseguinte, "viver travado", o garoto diz: "- Tudo a ver!", afinal o **Ruindows** também "vive travando".

A crítica que permeia a personagem Claudijeferson possui um teor muito forte. A professora pede para ele um pouco mais de paciência, visto que, não foi possível conseguir ainda um fardamento para o educando. A charge termina com um questionamento de Claudijeferson: "- Por que, tia?", que não obtém resposta alguma, pois, sua **imagem**, por si só, já é a resposta. Como um deficiente físico pode "servir" para divulgar algum produto?

Além do fato de estudarem em uma escola pública, os nomes atribuídos às personagens sinalizam, também, para a situação sócio-econômica das quais fazem parte. É muito comum ouvirmos discursos imbuídos de preconceitos em relação aos menos afortunados no tocante à escolha de seus nomes. Os indivíduos "economicamente fortes" divertem-se através de comentários sobre os nomes que as famílias carentes, do ponto de vista econômico, dão aos seus filhos. A diversão consiste na forma como esses nomes são criados, alguns através da mistura dos nomes dos pais, como, por exemplo, "Reginosvaldo", que podemos supor que se trata da mescla dos nomes "Regina" e "Osvaldo"; outros por tentarem utilizar nomes estrangeiros, em sua maioria, relacionados com a língua inglesa, por acharem "diferente", "mais elegante", etc. Assim, Maurício Ricardo aproveita desse mote para identificar a classe social das personagens em questão. O cenário da escola é outro ponto que merece destaque para a construção sócio-econômica de seus freqüentadores. A mesa da professora está com uma parte da madeira retirada, o

quadro verde remete a um quadro a giz e na parede que fica situada atrás da docente, há perfurações provenientes, possivelmente, de três balas deixadas como resultado de alguma briga de facções criminosas que moram na comunidade da qual escola faz parte.

Um outro ponto que merece atenção são as cores que compõem as vestes da personagem Claudijeferson: verde, amarelo, azul e branco, ou seja, as cores da bandeira do Brasil. O leitor precisa estar muito atento, para perceber que esse detalhe foi utilizado propositadamente – o Brasil é um país de exclusão, o Brasil é um país "deficiente". Esse quase "imperceptível" detalhe constrói a identidade do Brasil e, conseqüentemente, de seu povo, pois, como afirmou o antigo ministro e pensador francês Jean-Baptiste Colbert (1619-1683), "a grandeza de um país não depende da extensão de seu território, mas do caráter do seu povo".

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os gêneros textuais, de uma maneira geral, demarcam nosso contexto sócio-cultural, pois é por meio deles que realizamos nossas ações sociais e os adaptamos a nossa realidade. Em se tratando da CV, que tem por finalidade difundir crítica e humor, essas adaptações são bastante evidentes pela forma como ela é propagada (Internet), pois a tecnologia, com seus recursos de áudio, animação, efeitos de cores e luz proporcionou uma outra possibilidade de construção crítica através da charge. Os mecanismos multimodais oferecidos nas CVs, além de manterem uma relação de apoio com texto verbal, para a produtividade das informações disponibilizadas, servem de sinalizadores para a construção intertextual inerente ao gênero, de modo que estes são fundamentais para a relação semântica da crítica e de seus elementos intertextuais.

Além disso, os componentes visuais fornecidos pela seqüência de quadros em conjunto com o discurso verbalizado servem de base para a construção, embora reducionista, das identidades das personagens e, conseqüentemente, da sociedade, tendo em vista que as temáticas abordadas nas CVs possuem um caráter social. Nolasco (2001:152) afirma que

as identidades se fazem por meio dos diferentes papéis sociais, presentes em tais metadiscursos, que perpassam os percursos socializantes, de modo que a cada passagem ou transição vivida pelo sujeito encontramos um sentimento de identidade associado a um deles.

Os discursos propagados nas CVs criam um ambiente propício para a construção de identidades através da utilização de traços estereotipados que são vinculados às personagens. As escolhas lingüísticas atribuídas pelo autor às personagens, bem como as escolhas dos diversos meios (animação – dança, gestos, expressões faciais -, cores, roupas, acessórios etc) que complementam o texto verbal, são regidas com base nas idéias “cristalizadoras” vigentes em nossas práticas sociais, pois, inevitavelmente, estamos expostos a constantes rotulações por parte da sociedade. Consoante Kleiman (2001), a prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa, pois contribui para reproduzir a sociedade através de identidades sociais, relações sociais, sistemas de

conhecimento e crença, bem como contribui para transformá-la.

Os estereótipos sociais se propagam e tornam-se formas fixas estabelecidas no convívio social, de forma que a ruptura desses estereótipos, dependendo do contexto em que estão inseridos; e, neste caso, em especial, na charge virtual, causam a não-aceitação por parte da sociedade/leitores, ou, no mínimo, estranhamento; pois se a charge mostrasse um perfil diferente dos grupos que por ela são convencionados (político - corrupto; loira - dotada de pouca inteligência etc), o gênero não atingiria um de seus maiores propósitos: o humor.

Dessa forma, a caracterização dos estereótipos, como postula Pereira (2002:50-52) vai ser estabelecida a partir de diferentes tipos de contextos; de sua natureza consensual; de "uma certa homogeneidade na atribuição de características aos alvos dos estereótipos" e de seus elementos descritivos e avaliativos, tendo em vista que além da descrição de traços e comportamentos dos grupos sociais, são postos em destaque, também, seus atributos positivos e negativos. Assim, os estereótipos "são considerados como estruturas que podem ser representadas dentro das mentes individuais", e "podem ser amplamente compartilhados pelas pessoas que convivem no interior de uma mesma cultura".

As CVs são de grande fecundidade para a análise de identidades, já que se utilizam de estereótipos e do humor, como bem pontua Possenti (1998) ao revelar-nos o potencial das piadas¹² no que se refere ao trabalho com discursos que operam com representações grosseiras, estereotipadas e de nelas veicularem um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, discurso este não mencionado, talvez, em outros gêneros.

¹² Neste caso, vale lembrar que o termo piada não está sendo utilizado como sinônimo de gênero, mas sim de texto humorístico.

5. BIBLIOGRAFIA

- BAMBERG, M. (2002). *Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e processo de construção da identidade aos 15 anos*. In. MOITA LOPES, L. P. da & BASTOS, L. C. (orgs.). *Identidades: recortes multi e indisciplinados*. São Paulo: Mercado de Letras.
- BAUMAN, Z. (2005). *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor.
- BAZERMAN, C. (2005). *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*. São Paulo: Cortez.
- BAZERMAN, C. (2006). *Gêneros, Agência e Escrita*. São Paulo: Cortez.
- BRANDÃO, C. R. (1986). *Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense.
- CARNEIRO, M.T. & SOARES, T. M. Z. (2003). Representação Social em Textos da Mídia. In. PAULIUKONIS, M. A. L. & GAVAZZI, S. (orgs.). *Texto e Discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- CASTELLS, M. (2001). *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor.
- _____. (2002). *O poder da Identidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- CHARAUDEAU, P. (2006). *Discursos das Mídias*. São Paulo: Contexto.
- COELHO, L. A. L. (2002). Tal objeto tal dono. In. MOITA LOPES, L. P. da & BASTOS, L. C. (orgs.). *Identidades: recortes multi e indisciplinados*. São Paulo: Mercado de Letras.
- CORACINI, M. J. (2003). *Identidade & Discurso*. Campinas: Argos.
- COSTA, C. (2004). *Educação, Imagem e Mídias*. São Paulo: Cortez.
- COSTA, P. H. H. da et al. (1997). Linguagem, letramento e ideologia na comunidade: análise de discurso crítica e mudança social. In: *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. v. 4. Brasília: Thesaurus.
- CORTEN, A. (1999). Discurso e representação do político. In. INDURSKY, F. & FERREIRA, Maria C. L. *Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso*. Rio de Janeiro: Sagra Luzzato.
- DIONISIO, A. (2005). Gêneros Multimodais e Multiletramento. In. A. M; B. & K. S. (orgs.). *Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. União da Vitória: Kaygangue.

DIONISIO, A. (2005). A Multimodalidade Discursiva na Atividade Oral e Escrita *In*: MARCUSCHI, L. A. e DIONISIO, A. (orgs.). *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica.

DIONISIO, A. (2006). Gêneros Multimodais e Multiletramento. *In*: KARWOSKI, A. M; GAYDECZKA, B. e BRITO, K. S (orgs.). *Gêneros Textuais Reflexões e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.

DUTRA, F. S. (2003). Letramento e Identidade: (Re)construção das Identidades Sociais de Gênero. *In* MOITA LOPES, L. P.da. (org.) (2003). *Discursos de Identidade*. São Paulo: Mercado de Letras.

FAIRCLOUGH, N. (1997). Discurso, mudança e hegemonia. *In*: PEDRO, Emília. (org.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Editorial Caminho, p.77-104.

_____. (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília.

FOWLER, R.; KRESS, G. (1979). Critical linguistics. *In*: FOWLER, R. *et al.* *Language and control*. London; Boston; Henley: Routledge & Kegan Paul.

FUJISAWA, M. S. (2006). *Das Amélias às Mulheres Multifuncionais: a emancipação feminina e os comerciais de televisão*. São Paulo: Summus Editorial.

GALLI, F. C.S. (2004). Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. *In* MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (2004). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna.

GIDDENS, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor.

GOLDENBERG, M. (2006). O discurso sobre o sexo: diferenças de gênero na juventude carioca. *In*: ALMEIDA, M. I. e EUGENIO, F. (orgs.). *culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor.

HALL, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

HOFFNAGEL, J. C. (1999). Linguagem e a Construção da Identidade de Gênero. *In*. BARROS, K. S. M. de. (org). *Produção Textual: interação, processamento, variação*. Natal: EDUFRN.

KAINDL, K. (2004). Multimodality in the translation of humour in comics. *In*. C.; M. & E. *Perspective on multimodality*. Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins Publish Company.

KRESS, G. & van LEEUWEN, T. (1996). *Reading Images. The Grammar of Visual Design*. London: Routledge.

LEÃO, L. (2004). *Derivas: cartografias do ciberespaço*. São Paulo: Anna Blume.

MAGALHÃES, I. (2004). *Teoria crítica do discurso e de texto*. Linguagem em (Dis)curso, v.4, n.esp, 2004. Disponível em <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0403/05.htm>>. Acesso em 10/12/06.

MARCUSCHI, L. A. (2002). Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: A. P.; A. R. & M. A. *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.

_____. (2004). Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A e XAVIER, A. C. *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna.

_____. (2005). Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: A. M; B. & K. S. (orgs.). *Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. União da Vitória: Kaygangue.

MOITA LOPES, L. P. da. (2003). Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In MOITA LOPES, L. P. da (org). (2003). *Discursos de Identidade*. São Paulo: Mercado de Letras.

NOLASCO, S. (2001). *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco.

ORLANDI, E. P. (2004). *Cidade dos Sentidos*. São Paulo: Pontes.

PEDRO, E. R. (1997). Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: PEDRO, E. R. (org.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Editorial Caminho, p. 19- 46.

PEREIRA, M. E. (2002). *Psicologia social dos Estereótipos*. São Paulo: E.P.U.

PEREIRA, T. A. C. (2005). Os estereótipos e os meios de comunicação. In SILVA, R. S. (org). (2005). *Discursos simbólicos da mídia*. São Paulo: Loyola.

PORTINARI, D. e COUTINHO, F. R. (2006). A roupa faz o homem: a moda como questão. In: ALMEIDA, M. I. e EUGENIO, F. (orgs.). *culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor.

POSSENTI, S. (1998). *Os Humores da Língua*. São Paulo: Mercado de Letras.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V.(2006). *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto.

SIGNORINI, I. (1998). *(Des)construindo bordas e fronteiras: letramento e identidade social*. In SIGNORINI, I. (org). (1998). *Língua(gem) e Identidade*. São Paulo: Mercado de Letras.

STÖCKL, H. (2004). *Between modes: Language and image in printed media*. In: C.; M. & E. *Perspective on multimodality*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publish Company.

VAN DIJK, T. (1997). *Semântica do discurso e ideologia*. In: PEDRO, Emília (org.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Editorial Caminho, p.105-168.

VILELA, M. (2002). *Metáforas do Nosso Tempo*. Coimbra: Almedina.

WODAK, R. (2004). *Do que trata a ADC – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos*. *Linguagem em (Dis)curso*, v.4, n.esp, 2004. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0403/10.htm>>. Acesso em 20/12/06.

XAVIER, A. C. (2004). *Leitura, texto e hipertexto*. In: MARCUSCHI, L. A e XAVIER, A. C. *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna.